

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL HENRIQUE OLIVATO

NEUE KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN IM DEUTSCHEN:
EINE ANALYSE IN KORPORA DER GESCHRIEBENEN UND GESPROCHENEN
SPRACHE UND IMPLIKATIONEN FÜR DEN DAF-UNTERRICHT

CURITIBA

2015

RAFAEL HENRIQUE OLIVATO

NEUE KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN IM DEUTSCHEN:
EINE ANALYSE IN KORPORA DER GESCHRIEBENEN UND GESPROCHENEN
SPRACHE UND IMPLIKATIONEN FÜR DEN DAF-UNTERRICHT

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, no Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ruth Bohunovsky

CURITIBA

2015





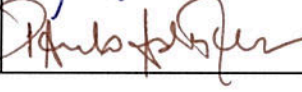
Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de **RAFAEL HENRIQUE OLIVATO** para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo-assinados Ruth Bohunovsky, Christian Fandrych e Paulo A. Soethe arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação: "NEUE KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN IM DEUTSCHEN: EINE ANALYSE IN KORPORA DER GESCHRIEBENEN UND GESPROCHENEN SPRACHE UND IMPLIKATIONEN FÜR DEN DAF-UNTERRICHT - NOVAS PREPOSIÇÕES COMPLEXAS EM ALEMÃO: UMA ANÁLISE DE CÓRPORA DA LÍNGUA ESCRITA E FALADA E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA".

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, conforme especificações abaixo:

| Banca | Assinatura | APROVADO Não APROVADO |
|-----------------------------------|--|-----------------------------|
| Dra. Ruth Bohunovsky (Presidente) |  | aprovado |
| Dr. Christian Fandrych |  | aprobado |
| Dr. Paulo A. Soethe |  | APROVADO |

Curitiba, 21 de maio de 2015.



Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves
Coordenador


Rodrigo Tadeu Gonçalves
Coordenador
Matrícula SIAPE 1510663



Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata seiscentésima nonagésima primeira, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu o mestrando **RAFAEL HENRIQUE OLIVATO**. No dia vinte e um de maio de dois mil e quinze, às dez horas, na sala 1012, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Ruth Bohunovsky, Presidente, Christian Fandrych, Paulo A. Soethe designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: **“NEUE KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN IM DEUTSCHEN: EINE ANALYSE IN KORPORA DER GESCHRIEBENEN UND GESPROCHENEN SPRACHE UND IMPLIKATIONEN FÜR DEN DAF-UNTERRICHT - NOVAS PREPOSIÇÕES COMPLEXAS EM ALEMÃO: UMA ANÁLISE DE CÓRPORA DA LÍNGUA ESCRITA E FALADA E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA”** apresentada por **RAFAEL HENRIQUE OLIVATO**. A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido. Logo após, o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Ruth Bohunovsky retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADO** o candidato, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinado pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia vinte e um de maio de dois mil e quinze.


Dra. Ruth Bohunovsky


Dr. Paulo A. Soethe


Dr. Christian Fandrych


Rafael Henrique Olivato

AGRADECIMENTOS / DANKSAGUNG

Agradeço a Ruth Bohunovsky pela orientação em Curitiba.

Ich bedanke mich bei Herrn Christian Fandrych für die Betreuung in Leipzig.

Agradeço aos meus pais, Sandra e Valentim, pelo apoio incondicional.

Agradeço à minha irmã, Camila, e ao meu cunhado, Fábio, por estarem sempre ao meu lado, mesmo que de longe.

Agradeço à minha namorada, Bruna, por me acompanhar do começo ao fim e sempre me trazer força nos momentos em que quis desistir.

Ich bedanke mich bei Sophie Bornscheuer für die Freundschaft und das Korrekturlesen dieser Arbeit.

Agradeço aos donos e colaboradores do dicionário online dict.cc, sem o qual este trabalho teria sido ainda mais difícil.

Ich bedanke mich bei den Mitarbeitern des Online-Wörterbuches dict.cc.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial a André Luís dos Santos e Peter Caisse, pelos momentos e conversas que me renovaram durante o caminho.

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objeto de estudo as chamadas “novas preposições complexas” da língua alemã (*im Zuge, im Wege, im Vorfeld, im Gefolge* e *im Verfolg*). Com o objetivo de verificar a frequência dessas estruturas em diferentes contextos e o seu uso nos registros escrito e falado, foram utilizados corpora de língua escrita (DWDS) e falada (DGD) do alemão para a pesquisa. Como resultado constatou-se que essas estruturas ocorrem quase que exclusivamente na língua escrita, principalmente nos chamados “textos informativos”. Além disso, descobriu-se que tais estruturas são mais antigas do que Lehmann (1991) supunha, uma vez que a maioria delas são encontradas nos corpora de língua falada em textos que datam desde o início do século XX. As novas preposições complexas apresentam nuances de significado e determinadas implicaturas que as diferenciam de outras preposições mais comuns, o que pode justificar o seu surgimento na língua. O *status* dessas estruturas tem sido intensamente debatido em várias línguas, mas uma análise do uso dessas construções nos textos presentes nos corpora mostrou que elas são mais sintática e morfologicamente utilizadas como preposições e devem ser consideradas verdadeiras preposições. Essas construções podem ser de grande utilidade nas aulas de alemão como língua estrangeira, na medida em que elas compartilham características com outras estruturas complexas. Dessa forma, ao abordar as características das preposições complexas em sala de aula, permite-se que os aprendizes lidem de forma mais autônoma com situações linguísticas envolvendo estruturas complexas desconhecidas. Sendo assim, neste trabalho são propostos alguns “fatos linguísticos” que devem ser abordados em sala de aula para capacitar os aprendizes a lidar melhor com estruturas desconhecidas e sensibilizá-los de certas características da língua estrangeira.

Palavras-chave: alemão como língua estrangeira, preposições complexas, gramaticalização, linguística de corpus

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit beschäftigt sich mit den sogenannten neuen komplexen Präpositionen (*im Zuge, im Wege, im Vorfeld, im Gefolge* und *im Verfolg*), indem eine quantitative Analyse in Korpora der geschriebenen und gesprochenen Sprache (DWDS und DGD) durchgeführt wurde, um ihre Häufigkeit in unterschiedlichen Kontexten und den Unterschied zwischen gesprochener und geschriebener Sprache in Bezug auf diese Präpositionen aufzuzeigen. Durch die Untersuchung lässt sich feststellen, dass die neuen komplexen Präpositionen fast exklusiv in der geschriebenen Sprache vorkommen, insbesondere in „informativen Texten“. Die Mehrheit dieser Strukturen sind älter als Lehmann (1991) vermutete, da sie im Allgemeinen seit Anfang des 20. Jahrhunderts verwendet werden. Außerdem unterscheiden sie sich von anderen häufigeren Präpositionen, indem sie bestimmte Bedeutungsnuancen aufweisen und Implikaturen auslösen. Der Status dieser Strukturen als komplexe Präpositionen wird häufiger diskutiert, aber durch eine Analyse von ihren Merkmalen anhand von Korpora der geschriebenen Sprache wurde gezeigt, dass sie als echte Präpositionen betrachtet werden sollten. Diese Strukturen sind für den DaF-Unterricht relevant, indem ihre Merkmale im Unterricht behandelt werden können, um die Sprachhandlungsfähigkeit der Lernenden zu fördern. Die Behandlung von bestimmten linguistischen Tatsachen wurde vorgeschlagen, um die Lernenden zu ermöglichen, nicht nur mit den neuen komplexen Präpositionen, aber auch mit anderen unbekannten festen Strukturen erfolgreich umgehen zu können.

Stichwörter: komplexe Präpositionen, Deutsch als Fremdsprache, Grammatikalisierung, Korpuslinguistik

ABBILDUNGSVERZEICHNIS

| | |
|--|----|
| ABBILDUNG 1: DIE REKTION UND DER GRAMMATIKALISIERUNGSGRAD VON PRÄPOSITIONEN | 20 |
| ABBILDUNG 2: DER GRAMMATIKALISIERUNGSGRAD IM KERN UND IN DER PERIPHERIE DER DEUTSCHEN PRÄPOSITIONEN..... | 21 |
| ABBILDUNG 3: ÜBERBLICK DER BENUTZTEN KORPORA | 36 |
| ABBILDUNG 4: HÄUFIGKEIT DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN IN DEN BENUTZTEN KORPORA | 42 |
| ABBILDUNG 5: HÄUFIGKEIT DER EINZELNEN NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN IN DEN BENUTZTEN KORPORA | 43 |
| ABBILDUNG 6: HÄUFIGKEIT VON „IM VERFOLG“ IN DER GOOGLE-BOOKS-DATABASE | 46 |
| ABBILDUNG 7: HÄUFIGKEIT DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN NACH TEXTSORTEN .. | 50 |
| ABBILDUNG 8: VERTEILUNG DER 30 HÄUFIGSTEN ENGLISCHEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN NACH TEXTDOMÄNE | 51 |
| ABBILDUNG 9: VERTEILUNG DER VERWENDUNGEN „IM WEG(E)“ IN DEN KORPORA DER GESCHRIEBENEN SPRACHE | 60 |
| ABBILDUNG 10: TEILFELDER SCHULISCHER SPRACHREFLEXION | 73 |

INHALTSVERZEICHNIS

| | |
|---|-----------|
| EINLEITUNG | 7 |
| KAPITEL 1 | 9 |
| 1.1 DIE NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN | 9 |
| 1.2 GRAMMATIKALISIERUNG | 14 |
| 1.3 MOTIVIERTHEITSGRADE DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN | 22 |
| 1.4 WARUM TRETEN NEUE PRÄPOSITIONEN AUF? | 25 |
| 1.5 DARSTELLUNG IN GRAMMATIKEN DER DEUTSCHEN SPRACHE | 28 |
| KAPITEL 2 | 34 |
| 2.1 DIE BENUTZTEN KORPORA | 34 |
| 2.2 SUCHVERFAHREN | 36 |
| 2.3 ZUR STATISTISCHEN RELEVANZ DER ERGEBNISSE | 39 |
| KAPITEL 3 | 40 |
| 3.1 ZUR WICHTIGKEIT DER HÄUFIGKEIT | 40 |
| 3.2 HÄUFIGKEIT DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN | 42 |
| 3.3 HÄUFIGKEIT DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN NACH TEXTSORTEN | 49 |
| 3.4 ZUSAMMENFASSUNG DER ERGEBNISSE | 53 |
| 3.5 ANALYSE DES STATUS DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN ANHAND VON KORPORADATEIEN | 54 |
| KAPITEL 4 | 67 |
| 4.1 RELEVANZ DES THEMAS FÜR DEN DAF-UNTERRICHT | 67 |
| 4.2 NEUE KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN: WANN UND WO | 68 |
| 4.3 VON NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN ZU SPRACHLICH BEWUSSTEREN LERNENDEN | 69 |
| 4.4 SPRACHKONTRASTIVER ASPEKT – KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN IM PORTUGIESISCHEN | 75 |
| SCHLUSS | 78 |
| LITERATURVERZEICHNIS | 80 |

EINLEITUNG

Eine unbestrittene Tatsache über die natürlichen Sprachen ist: sie verändern sich. Obwohl sich diese Veränderung im Laufe der Zeit einfach bemerken lässt, bleibt doch die Frage: **wie** verändern sich die natürlichen Sprachen? Das Phänomen der Grammatikalisierung erscheint als eine mögliche Antwort auf diese Frage und die Erforschung dieses Veränderungsprozess kann deswegen ans Licht bringen, wie Sprachwandel stattfindet.

Davon ausgehend wird die vorliegende Arbeit sich mit aktuellen Beispielen des Phänomens der Grammatikalisierung in der deutschen Sprache beschäftigen, die für den Bereich des DaF-Unterrichts besondere Relevanz haben können. Der Fokus der Arbeit wird damit in den sogenannten neuen komplexen Präpositionen (u.a. *im Wege*, *im Zuge*, *im Vorfeld*) liegen, indem eine quantitative Analyse auf der Basis von Korpora der gesprochenen und geschriebenen Sprache durchgeführt wird, die die folgenden Forschungsfragen beantworten soll:

Mit welcher Häufigkeit kommen in der gesprochenen und geschriebenen Sprache diese neuen komplexen Präpositionen vor?

Wie unterscheiden sich die gesprochene und die geschriebene Sprache in Bezug auf diese Strukturen?

Inwieweit sind die neuen komplexen Präpositionen und die diesbezüglichen Unterschiede zwischen der gesprochenen und der geschriebenen Sprache für den DaF-Unterricht relevant?

Im ersten Kapitel geht es um den theoretischen Hintergrund der Arbeit. Zuerst wird der zentrale Gegenstand der Arbeit, die neuen komplexen Präpositionen, ausführlich beschrieben, indem authentische Verwendungsbeispiele aus den analysierten Korpora dargestellt werden. Dann geht die Arbeit auf die Frage ein, wie diese Präpositionen auftreten. Daher wird das Thema der Grammatikalisierung

behandelt, indem entsprechende Darstellungen unterschiedlicher Autoren referiert werden. Da es auch andere Präpositionen mit ähnlichen Bedeutungen gibt, wird der Frage, warum solche Strukturen auftauchen, ein Unterkapitel gewidmet.

Das zweite Kapitel wird sich auf methodologische Aspekte der Arbeit konzentrieren. Die benutzten Korpora, die Datenbank für gesprochenes Deutsch (DGD) und das Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache (DWDS), werden beschrieben, das Suchverfahren (Suchbegriffe, Klassifikation der Treffer, usw.) wird erklärt und methodologische Fragen u.a. in Bezug auf die Größe der Korpora und auf die Relevanz der Ergebnisse werden behandelt.

Das dritte Kapitel wird sich mit den Ergebnissen der Suche in den Korpora beschäftigen. Die Ergebnisse werden mithilfe von Graphiken dargestellt und ausführlich analysiert, indem die theoretischen und didaktischen Konsequenzen der Ergebnisse zur Sprache gebracht werden.

Das vierte Kapitel wird sich mit einschlägigen didaktischen Fragen und Schlussfolgerungen auseinandersetzen. Zunächst wird die Relevanz des Umgangs mit den in dieser Arbeit berücksichtigten Strukturen im DaF-Unterricht behandelt. Ausgehend von den linguistischen Merkmalen der komplexen Präpositionen werden Vermutungen angestellt, welche Probleme in der Behandlung dieser Strukturen die Lernenden potenziell haben könnten. Dazu werden Vorschläge gemacht, wie man mit dem Thema im DaF-Unterricht umgehen könnte.

KAPITEL 1

1.1 DIE NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN

In den vergangenen Jahrzehnten hat sich eine neue Gruppe von Präpositionen in der deutschen Sprache gebildet. Wie Szczepaniak (2011, S. 95f) erwähnt, findet die Entstehung dieser neuen Präpositionen nach einem bestimmten Muster statt. Sie bestehen meistens aus Präposition + Substantiv (+ Präposition). Als Beispiele für diese Gruppe erwähnt Szczepaniak (2011) u.a. die folgenden Strukturen: *im Laufe*, *mit Rücksicht auf*, *in Anbetracht*, *am Rande*, *in Bezug auf*, *in Abhängigkeit von*, *im Gegensatz zu*. Da sie aus mehreren sprachlichen Elementen gebildet sind, werden sie komplexe Präpositionen genannt. Es soll darauf hingewiesen werden, dass dieses neue Muster für die Entstehung neuer Präpositionen, Präposition + Substantiv (+ Präposition), einem früher produktiven -s-Muster (wie z.B. *angesichts*, *mangels*, *mittels*) sowie einem in den 18. und 19. Jahrhunderten produktiven -lich-Muster (wie z.B. in *einschließlich*, *bezüglich*, *abzüglich*, *hinsichtlich*) nachfolgt (SZCZEPANIAK, 2011, S. 98).

Manche dieser komplexen Präpositionen sind schon in der deutschen Sprache etabliert und werden häufig entweder in der gesprochenen oder in der geschriebenen Sprache verwendet (u.a. *im Laufe*, *in Bezug auf*). Eine kleine Gruppe sind so etabliert, dass sie schon eine Veränderung in der Orthographie durchgemacht haben, sodass sie sich auch orthographisch als Präpositionen identifizieren lassen (u.a. *anstelle (von)* / *an Stelle (von)*, *mithilfe (von)* / *mit Hilfe (von)*, *infolge (von)* / *in Folge (von)*).

Seit ungefähr 1975 ist jedoch eine neue Welle komplexer Präpositionen aufgetreten (LEHMANN, 1991, S. 501), die im heutigen Deutschen wahrscheinlich noch nicht weitverbreitete Verwendung gefunden haben. Unter diesen neuen komplexen Präpositionen lassen sich die folgenden Präpositionen als die häufigsten erwähnen (ebd.): *im Zuge*, *im Wege*, *im Vorfeld*, *im Anschluss*, *im Gefolge* und *im Verfolg*. Lehmann (1991) stellt fest, dass sie ein Muster bilden, indem sie vom Schmelzwort *im* eingeleitet werden und außer *im Anschluss* ein Komplement im

Genitiv regieren. Der Autor ergänzt zudem, dass manche dieser Präpositionen auch als Adverb verwendet werden können (wie *im Anschluss* und *im Vorfeld*). Der Fokus dieser Arbeit liegt trotzdem nur auf ihrer Verwendung als Präpositionen.

In der Literatur findet man eine intensive Auseinandersetzung über den Status dieser Strukturen als präpositionale Einheiten, welche bezüglich der englischen Sprache von Hoffmann (2005) ausführlich beschrieben wird. In dieser Arbeit wird mit Szczepaniak (2001) und Hoffmann (2005) angenommen, dass die erwähnten Strukturen als echte Präpositionen betrachtet und deshalb als untrennbare grammatikalische Einheiten analysiert werden sollten. Der Status dieser Strukturen als präpositionale Einheiten kann durch bestimmte grammatikalische Eigenschaften bestätigt werden. Die neuen komplexen Präpositionen können beispielsweise durch andere Präpositionen ersetzt oder mit ihnen koordiniert werden.

Substitution:

- a) *Im Zuge der Vorlesung / Während der Vorlesung darf man das Klassenzimmer nicht betreten.*

Koordination:

- a) *Vor und im Gefolge des Konzerts wird das neue Programm kostenlos ausgegeben.*
- b) *Der Film verwebt zwei Erzählstränge: zum einen die entscheidenden Ereignisse **im Vorfeld und nach** der Invasion des Iraks in den Jahren 2002/03, zum anderen eine Chronik (...)* (Die Zeit, 27.10.2008)

Des Weiteren konservieren einige von diesen Präpositionen die alte Flexionsform des Dativ -e, wie z.B. *im Zuge* und *im Wege*, was aufzeigt, dass sie in kristallisierten Einheiten bestehen. Wichtig zu erwähnen ist noch, dass die nominalen Bestandteile der Präpositionen durch ein Adjektiv nicht modifiziert werden können, z.B. **im schnellen Zuge des Gespräches* (SZCZEPANIAK, 2001, S. 101). Die Elemente, durch die ursprünglich die komplexen Präpositionen aufgebaut wurden, sind nicht mehr modifizierbar oder flektierbar (z.B. die Pluralformen *in (den) Zügen* oder *in (den) Wegen* funktionieren nicht als Präpositionen). Lehmann (1991) weist auch auf die Tatsache hin, dass was unter *im Wege* kompositionell verstanden werden könnte, wird durch *auf dem Weg* gemeint. Diese Merkmale zeigen den

phraseologischen Charakter dieser Ausdrücke auf und stehen in Zusammenhang mit ihrem Grammatikalisierungsgrad, was im nächsten Unterkapitel behandelt wird. Außerdem wird durch diese Merkmale klar, dass diese Ausdrücke *de facto* (dativ- oder genitivregierende) Präpositionen sind. Unterstützende Korpusbelege im Englischen, dass diese Strukturen in der englischen Sprache nicht in freien Konstruktionen sondern in festen Einheiten bestehen, werden auch von Hoffmann (2005) gegeben. Im Kapitel 3 wird anhand von Korpora der geschriebenen Sprache eine ähnliche Analyse durchgeführt. Wegen der Größe der Korpora und rechnerischer Einschränkungen wird der Status der neuen komplexen Präpositionen nicht ausgehend von den von Hoffmann (2005) benutzten Kriterien untersucht, sondern von den von Szczepaniak (2011) beschriebenen Merkmalen dieser Strukturen.

Während in Bezug auf die englische Sprache eine umfangreiche Diskussion über den Status der PNP-Komplexpräpositionen (Präposition + Nominalsyntaxema + Präposition) zu finden ist (vgl. Hoffmann (2005), Sepänen et al. (1994), Quirk et al. (1985) und Huddleston und Pullum (2002)) wurde in Bezug auf die deutsche Sprache die Frage nach dem Status der komplexen Präpositionen (unabhängig davon, ob sie PN oder PNP sind) offenbar nicht so intensiv diskutiert. In Burger et al. (2007) findet man beispielsweise fast keine Erwähnung zu diesen Strukturen und ihrem Status. Trotz einer extensiven Suche nach Literatur, die sich im Bereich der deutschen Phraseologie spezifisch mit dem Status der komplexen Präpositionen befasst, konnten keine einschlägigen Veröffentlichungen gefunden werden.¹

In dieser Arbeit wird mit Szczepaniak (2011) angenommen, dass diese Strukturen, wie die obengenannten Merkmale andeuten, Präpositionen sind. Unten können authentische Verwendungsbeispiele von neuen komplexen Präpositionen beobachtet werden, in denen sich bemerken lässt, dass sie sehr ähnlich wie andere deutsche Präpositionen funktionieren und ähnliche Bedeutung aufweisen. Warum man die komplexen Präpositionen brauchen würde, wenn es schon potenziell ähnlich funktionierende Präpositionen gibt, und ob die komplexen Präpositionen immer durch andere deutsche Präpositionen ersetzbar sind, sind Fragen, die in einem zukünftigen Kapitel behandelt wird. Des Weiteren wird der Frage nachgegangen, inwieweit die

¹ Einige Bücher, die sehr viel zu der vorliegenden Arbeit beitragen könnten, wären in Brasilien auch in digitaler Form leider nicht verfügbar.

Merkmale, die die komplexen Präpositionen als untrennbare Einheiten kennzeichnen, in den benutzten Korpora zu finden sind.

1) *im Zuge* („während“)

*House klagte gegen die US-Regierung. **Im Zuge** des Verfahrens wurden Dokumente öffentlich, aus denen hervorgeht, dass die US-Regierung ihre großzügigen Befugnisse an den Grenzen nutzt, um Durchsuchungen durchzuführen, für die sie im Landesinneren keine richterliche Genehmigung bekäme.*

(Die Zeit, 02.01.2014 (online)).

2) *im Vorfeld* („vor“)

*Am Spiel dieser beiden liegt es aber nicht, dass Spike Lees Film zu einem so ratlosen Abklatsch der Vorlage geworden ist. Der Regisseur bestritt schon **im Vorfeld** des Filmstarts das Offenkundige: Sein Oldboy, sagte Lee, sei gar kein Remake, sondern vielmehr seine Interpretation einer starken Geschichte von universellem Wert.*

(Die Zeit, 16.12.2013 (online)).

3) *im Gefolge* („nach“)

*Der Iran baut seit Schahs Zeiten an einer nuklearen Option. Die Chomeinisten haben nach einer kurzen Angstpause **im Gefolge** des amerikanischen Sieges gegen Saddam ihre Anstrengungen verdreifacht – trotz Isolierung und Verarmung. Die Bombe war ihnen den mörderischen Preis wert.*

(Die Zeit, 25.11.2013 (online)).

4) *im Wege* („durch“)

*„(...) die Regierung aber mit Sicherheit nicht“, sagte Ex-Verfassungsgerichtspräsident Hans-Jürgen Papier dem Handelsblatt. „Ein Moratorium ist denkbar, aber nur **im Wege** der Gesetzesänderung“.*

(Die Zeit, 14.03.2011 (online)).

Wie von Lehmann (1991) erwähnt, werden einige dieser Ausdrücke auch adverbial verwendet. Sowohl semantisch als auch morphosyntaktisch unterscheidet sich die adverbiale von der präpositionalen Verwendung. Während die Verwendung

als Präposition, wie in den obengenannten Beispielen zu sehen ist, ein Komplement im Genitiv fordert, können diese Strukturen als Adverbialphrase ohne zusätzliches Attribut vorkommen:

*Der WM-Teilnahme des früheren deutschen U21-Nationalspielers Kevin-Prince Boateng für Ghana steht anscheinend nichts mehr **im Wege**.* (Die Zeit, 12.05.2010)

***Im Zuge** befinden sich einige französische Soldaten, die nach Wien zum Besetzen fahren.* (Die Zeit, 08.09.2013)

Während die präpositionale Verwendung dieser Strukturen abstraktere und oft temporale Beziehungen (aber auch instrumentale, wie bei *im Wege*) aufstellen, weist die adverbiale Verwendung eine konkretere und häufig räumliche Bedeutung auf:

*Sein Besuch galt den Einheiten **im Vorfeld** des Westwalles und den Frontarbeitern, die eine Reihe neuer Befestigungsarbeiten gebaut haben.* (Völkischer Beobachter (Berliner Ausgabe) 10.03.1940)

*Verhandlungen darüber scheiterten bisher hauptsächlich daran, dass die GDL auch für das übrige Personal **im Zug** verhandeln will. Die GDL rivalisiert dabei mit der Eisenbahn- und Verkehrsgewerkschaft (EVG).* (Die Zeit, 15.10.2014)

Wichtig zu erwähnen ist, dass *des Westwalles* im ersten Satz nicht in einem Komplement, sondern in einem Genitivattribut besteht. *im Vorfeld des Westfalles* bezeichnet im Satz einen konkreten Ort. Diese Analyse wird begründet, indem in dieser Verwendung das Substantiv *Vorfeld* durch ein Adjektiv modifiziert werden kann. Wenn diese Strukturen andererseits als Präpositionen benutzt werden, sind sie unmodifizierbar und Konstruktionen wie diese kommen üblicherweise nicht vor:

*Nichts deutet darauf hin, daß Gorbatschow den Staaten **im osteuropäischen Vorfeld** der Sowjetunion mehr Spielraum einräumen wird.* (Die Zeit, 05.07.1985)

***Im Zuge nach Lissabon** lernt er einen Paläontologen kennen, mit dessen Familie er bald intime Bekanntschaft macht. (Die Zeit, 07.10.1954)*

*Der übliche Weg ist, wenn das Kulturobjekt **im kriminellen Wege** aus dem Lande gebracht wird, wird häufig der Nachweis der Herkunft verändert, so dass Händler und Privatsammler möglicherweise gutgläubig erwerben, weil sie davon ausgehen, dass diese Dinge ganz legal auf dem Markt gelandet sind. (Die Zeit, 18.12.2013)*

Es soll darauf hingewiesen werden, dass es auch Zwischenfälle gibt, wo man nicht sicher sein kann, ob es sich um adverbiale oder präpositionale Verwendung handelt. Wie es noch behandelt wird, wird von einem Kontinuum zwischen lexikalischen und grammatikalischen Zeichen gesprochen, sodass Adverbien und Präpositionen gemeinsame Merkmale aufweisen können. Für die Ziele dieser Arbeit sollen jedoch die obenerwähnten Kriterien ausreichend sein, um in den Korpora die präpositionale von der adverbialen Verwendung der behandelten Strukturen zu unterscheiden.

Die vorliegende Arbeit wird sich mit den von Lehmann (1991) erwähnten häufigsten neuen komplexen Präpositionen (*im Zuge, im Wege, im Vorfeld, im Anschluss, im Gefolge und im Verfolg*) beschäftigen, indem ihre Häufigkeit in Korpora der gesprochenen und geschriebenen Sprache analysiert wird. Dadurch ist geplant, einen Unterschied zwischen gesprochener und geschriebener Sprache in Bezug auf diese neuen Präpositionen zu zeichnen.

Bevor auf die Korpusanalyse eingegangen wird, ist es sinnvoll zu fragen, wie diese zu analysierenden Präpositionen in der Sprache auftreten. Zu diesem Zweck soll das Phänomen der Grammatikalisierung behandelt werden.

1.2 GRAMMATIKALISIERUNG

Es gibt viele Diskussionen über die Definition von „Grammatikalisierung“. Einige Autoren behaupten sogar, dass dieser Begriff nicht nützlich wäre, da er unterschiedliche sprachliche Phänomene umfasst, die in anderen Arten von

Sprachveränderung vorkommen und getrennt analysiert werden könnten. Zu einer detaillierten Zusammenfassung und Diskussion über die Definitionen von Grammatikalisierung vgl. Campbell und Janda (2007).

Der Begriff „Grammatikalisierung“ wird hier mit Heine und Kuteva (2007, S. 32) verstanden als ein sprachlicher Veränderungsprozess, der bestimmte Eigenschaften und Ergebnisse aufweist: „Grammaticalization is defined as the development from lexical to grammatical forms, and from grammatical to even more grammatical forms“.

An dieser Stelle soll erläutert werden, was man unter grammatikalischen und lexikalischen Formen versteht. Lexikalische Formen, Inhaltswörter oder Lexeme nennt man die Sprachzeichen, „mit denen wir Dinge, ihre räumliche Positionierung, ihre Eigenschaften, sowie auch Vorgänge oder Handlungen, also all das, was wir aus der uns umgebenden Welt kennen, bezeichnen (denotieren) können“ (SZCZEPANIAK, 2011, S. 1). Substantive (*Hund, Fenster, Traurigkeit, Finger*), Adjektiven (*jung, riesig, komisch, eckig*) und Verben (*laufen, schreiben, schlafen, fühlen*) sind prototypische Worttypen für Inhaltswörter. Grammatikalische Formen, Funktionswörter oder Grammeme nennt man andererseits die sprachlichen Formen, die eine relationale Funktion haben, d.h., eine grammatikalische Funktion in der Sprache erfüllen und damit sich mit Inhaltswörter verbinden, um sinnvolle Sätze zu bilden. Verbendungen (wie z.B. die Präteritalendung *-te*), Artikel, Adjektivendungen, Präpositionen, Hilfsverben, Konjunktionen und Subjunktionen sind unter anderen Beispielen von grammatikalischen Formen. Während grammatikalische Formen eine relationale Funktion haben, erfüllen lexikalische Formen eine denotative Funktion. Szczepaniak (2011, S. 1) verwendet einen beispielhaften Satz, um Inhalt- und Funktionswörter zu illustrieren:

Auf der Gartenbank hat ein junger Fuchs gesessen.

Der Fettdruck zeigt die Funktionswörter an, welche sich mit den Inhaltswörtern (Gartenbank, jung, Fuchs und sitzen) verbinden, um einen Satz zu bilden. Während die Inhaltswörter ein Gegenstand (Gartenbank) oder ein Lebewesen (Fuchs) in der Welt, eine Qualität (jung) und eine Handlung (sitzen) denotieren, sind die Funktionswörter für die Bezüge zwischen den Inhaltswörtern verantwortlich und weisen abstrakte Bedeutung auf. Die Adjektivendung *-er* weist darauf hin, dass das

Adjektiv *jung* in Zusammenhang mit dem maskulinen Substantiv *Fuchs* steht, da es in Kasus, Numerus und Genus mit ihm übereinstimmt. Der unbestimmte Artikel *ein* signalisiert, dass der Fuchs dem Hörer nicht bekannt ist. Der bestimmte Artikel *der* zeigt andererseits, dass die Gartenbank dem Hörer bekannt ist und sich auf die Präposition *auf* bezieht. Das Hilfsverb *hat* und die partizipiale Form *gesessen* zeigen auf, dass die Handlung in der Vergangenheit stattgefunden hat. Es soll jedoch hinzugefügt werden, dass es in dieser Einteilung zwischen lexikalischen und grammatikalischen Formen nicht um diskrete Kategorien geht, sondern um ein Kontinuum. Das ist schon in der Definition von Grammatikalisierung vorausgesetzt, da das Phänomen darin besteht, dass sich lexikalische Formen zu grammatikalischen Formen entwickeln, sowie grammatikalische zu grammatikalischeren Formen. Das heißt, die Sprachzeichen befinden sich immer in irgendeinem Punkt des Kontinuums, der näher der lexikalischen oder der grammatikalischen Spitze sein kann. Grammatikalisierung findet damit statt, wenn sich eine sprachliche Form in Richtung auf die grammatikalische Extremität des Kontinuums wandeln. Anhand von Beispielen von Grammatikalisierungsprozessen soll dies im Folgenden näher erläutert werden.

Ein klassischer Fall von Grammatikalisierung im Deutschen ist die von Lehmann (1991, S. 494) erwähnte Entwicklung des Verbs *haben* als Hilfsverb für das Perfekt. Er sagt, dass, bevor *haben* ein Hilfsverb wurde, es in Strukturen wie [*hat* *NS_{akk}* *V_{part. II}*] benutzt wurde, in denen das Nominalsyntaxagma (NS) und das Verb im Partizip eine Ergänzung des Verbs *hat* bzw. ein Attribut (eigtl. ein Prädikativ) des Nominalsyntaxagmas sind. Später verliert das Verb seinen semantischen Inhalt, sodass das Nominalsyntaxagma zu einer Ergänzung des Verbs im Partizip wird. Daraus ergibt sich die gegenwärtige Struktur des Perfekts.

Ein weiteres Beispiel ist das negative Pronomen „nichts“. Lehmann (2002, S. 48) beschreibt die Entstehung dieses Pronomen durch die Kristallisation von Formen des Althochdeutschen: Die Negationspartikel *ni* in Zusammenhang mit *wiht* (Ding, Sache) und mit dem Genitivmorphem -s, d.h.:

Althochdeutsch: ni + wiht-s (NEG + Dinge-GEN) > Deutsch: nichts.

Diese Entwicklung von lexikalischen zu grammatikalischen Formen findet jedoch nicht aleatorisch statt. Grammatikalisierungsprozesse finden durch

bestimmte Mechanismen oder Parameter statt, welche von Heine und Kuteva (2002, S. 2) folgendermaßen beschrieben werden:

Technically, grammaticalization involves four main interrelated mechanisms.
 (a) desemanticization (or “semantic bleaching”) – loss in meaning content,
 (b) extension (or context generalization) – use in new contexts,
 (c) decategorialization – loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms, and
 (d) erosion (or “phonetic reduction”) – loss in phonetic substance.

Um diese Mechanismen zu illustrieren kann der Fall der Präteritalendung *-te* (wie in *glaubte*, *liebte*, *sagte*) angeführt werden, deren Entstehung Szczepaniak (2011) ausführlich beschreibt. Der Prozess kann folgendermaßen kurz zusammengefasst werden.

Die Präteritumform des Verbs *tun*, d.h. *tat*, wurde ursprünglich allein benutzt, wenn es um eine Handlung in der Vergangenheit ging.

tat

„handeln“

„in Vergangenheit“

In einer zweiten Phase der Entwicklung wird es als Hilfsverb zusammen mit Handlungsverben benutzt. In dieser Verwendung erfüllt es die Funktion, darauf hinzuweisen, dass die Handlung in der Vergangenheit stattfindet. Das ist schon eine Desemantisierung, da die Bedeutung des Verbs unspezifischer wurde.

tat + infinitive Verbform (u.a. kochen, laufen, lesen)

„in Vergangenheit“

Weil *tat* nicht mehr die Idee von „Handlung“ trägt, sondern nur die Idee von „in der Vergangenheit“, ermöglicht die erwähnte Desemantisierung, dass das Verb *tat* als Hilfsverb auch mit Gefühlsverben verwendet wird. Dies besteht in einer Extension auf neue Kontexte.

tat + infinitive Verbform (auch fühlen, lieben, hassen)

„in Vergangenheit“

In den letzten Phasen dieser Entwicklung verändert sich die Wortstellung und das Hilfsverb wird nach dem Hauptverb benutzt. Zu irgendeinem Zeitpunkt verliert es phonetische Substanz und daraus folgt, dass das Hilfsverb als eine Flexion interpretiert wird. In dieser letzten Phase des Prozess werden die Mechanismen der Dekategorialisierung und der Erosion deutlich erkennbar.

Der gesamte Prozess lässt sich so abbilden:

tat (,handeln in der Vergangenheit')
tat + infinite Tätigkeitsverben (,handeln in der Vergangenheit')
tat + infinite Gefühlsverben (,in der Vergangenheit')
infinite Verben + tat
Flexion –te

Die in dieser Arbeit behandelten neuen komplexen Präpositionen ergeben sich auch aus Grammatikalisierungsprozesse, indem sie räumliche Beziehungen bezeichnet haben, durch Desemantisierung uminterpretiert wurden und in den letzten Jahrzehnten in neuen Kontexten, wo sie zeitliche Beziehungen bezeichnen, verwendet werden. Auch ihre morphosyntaktischen Eigenschaften zeigen, dass im Moment die sogenannte Dekategorialisierung stattfindet, da beispielsweise die Segmentierbarkeit dieser Strukturen stark abgenommen hat – während *im Zuge (des Gesprächs)* möglich ist, sind **im langsamen / schnellen / weiteren / bisherigen Zuge (des Gesprächs)* ungrammatisch (SZCZEPANIAK, 2011, S. 96).

Anhand von der Entwicklung der komplexen Präposition *im Vorfeld* und *im Laufe* erläutert Szczepaniak (2011) die Entstehung dieser Präpositionen. Im Allgemeinen entwickeln sie sich aus Inhaltswörtern, die eine räumliche Beziehung (zu einer Nominalphrase) ausdrücken und sich in adverbialer Position befinden (wie im Satz *Das Haus steht im Vorfeld des Flughafens* (ebd., S. 93)). Die Desemantisierung besteht darin, dass das Inhaltswort oder die Wortgruppe (u.a. *im Vorfeld, im Gefolge, im Zuge*) uminterpretiert wird, sodass sich die von ihnen bezeichnete Beziehung metonymisch wandelt. Im Falle von *im Vorfeld* erklärt Szczepaniak (2001, S. 93f) diesen Wandel wie folgt.

Bei *im Vorfeld* wird die Vorstellung von einem Vorraum, der in die eigentlichen Räumen führt, zeitlich uminterpretiert. Diese konzeptionelle Metonymie basiert auf der alltäglichen Erfahrung, dass man den Vorraum zuerst betritt.

Dieser semantische Wandel ermöglicht, dass die Ausdrücke in neuen Kontexten verwendet werden, wo sie zeitlich interpretiert werden:

Im Vorfeld der Konferenz wurden Sanktionen angekündigt.

Die Verwendung von *im Vorfeld* schränkt sich damit nicht auf Lokalität hinweisende Nominalphrasen ein. Diese Ausbreitung auf weitere Kontexte entspricht dem zweiten Mechanismus von Grammatikalisierungsprozesse: die Extension.

Des Weiteren spielt die Dekategorialisierung auch schon eine Rolle in der Entwicklung der neuen komplexen Präpositionen. Hier geht es um einen „Verlust der morphosyntaktischen Eigenschaften des Ursprungswortes, was bis zum Verlust der syntaktischen Selbständigkeit (zur Entwicklung einer gebundenen Form) führen kann“ (ebd., S. 12). In Bezug auf die neuen komplexen Präpositionen ist es zu bemerken, dass sie sich zurzeit zu gebundenen Formen entwickeln, was durch die obenerwähnten Eigenschaften beobachtet werden kann: einige der komplexen Präpositionen konservieren die alte Flexion des Dativs -e (*im Zuge, im Wege*); und außerdem kann man durch kein nominales Attribut den Ausdruck modifizieren: **im schnellen Zuge der Vorlesung / *im langen Wege einer Prüfung*.

Die Erosion ist der einzige Mechanismus, den die neuen komplexen Präpositionen noch nicht durchgemacht haben, da sie bisher keine phonetische Substanz verloren haben. Häufig verändert sich die phonetische Form, nur wenn der Ausdruck einen hohen Grammatikalisierungsgrad hat, was nicht der Fall der neuen komplexen Präpositionen ist.

Unter den Präpositionen haben die sogenannten primären Präpositionen (v.a. *an, auf, aus, bei, durch, für, gegen, in, nach, neben, ohne, über, um, von, vor, zu*) den höchsten Grammatikalisierungsgrad. Ausgehend von Lindqvist (1994) weist Szczepaniak (2011) bestimmte Eigenschaften auf, anhand derer der Grammatikalisierungsgrad von Präpositionen ermittelt werden kann:

1) Dativ- bzw. Akkusativreaktion: während die häufigsten Präpositionen im Deutschen den Dativ, den Akkusativ oder beide Kasus regieren, regieren die jüngeren Präpositionen, darunter die neuen komplexen Präpositionen, den Genitiv,

z.B. *im Gefolge des Konzerts, anstelle des Handouts*. Mit zunehmender Grammatikalisierung wird am meisten der Dativ bevorzugt, z.B. *wegen des Staus / dem Stau, während der Feste / den Festen*.

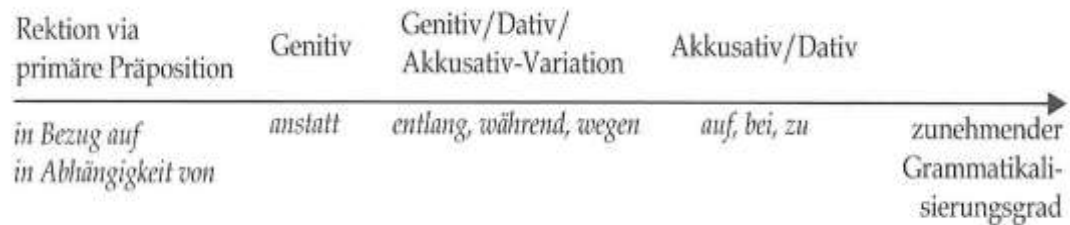


Abbildung 1: Die Rektion und der Grammatikalisierungsgrad von Präpositionen (SZCZEPANIAK, 2011, S. 95)

2) Pränominale Stellung: die meisten Präpositionen im Deutschen sind pränominale Präpositionen, d.h. sie kommen vor der regierten Nominalphrase vor (*auf dem Tisch, mit dir, im letzten Jahr*). Präpositionen mit geringerem Grammatikalisierungsgrad können andererseits postponiert vorkommen, z.B. *dir zuliebe, dem Ziel zuwider*. Präpositionen wie *entlang*, die Stellungsvariation aufweisen (*die Straße entlang / entlang der Straße*), zeigen einen höherem Grammatikalisierungsgrad als postponierte Präpositionen auf.

3) Ausdruckskürze: die grammatikalisiertsten Präpositionen im Deutschen sind einsilbig (u.a. *in, an, zu, nach, von*). Mit zunehmender Grammatikalisierung tendieren sie dazu phonetische Substanz zu verlieren (die sogenannte Erosion) und gekürzt zu werden.

4) Syntaktische Vielwertigkeit: die Fähigkeit, Präpositionalobjekt einzuleiten, z.B. *ich denke an dich, sie wartet auf mich*; Pronominaladverbien zu bilden (u.a. *davon, darauf, daran*); mit den Pronominalformen *da(r), hier* und *wo(r)* (z.B. *darin, worin, hierin*) und mit den Artikelformen (z.B. *im, am, zur*) zu verschmelzen, sind für stark grammatikalisierte Präpositionen typisch. Außerdem können sich nur diese Präpositionen auch an der Bildung neuer Präpositionen beteiligen (z.B. *in Bezug auf, in Abhängigkeit von*).

5) Semantische Vielwertigkeit: Durch die Desemantisierung wird die Bedeutung der Präpositionen allmählich erweitert oder verschoben, deswegen sind die stark grammatikalisierten Präpositionen immer polysem. Beispielsweise „kann *in* lokal (*in der Stadt*), temporal (*in diesem Sommer*), modal (*in Blau*) und neutral (*er hat*

sich in sie verliebt) verwendet werden“ (ebd., S. 96). Außerdem erfüllen einige von diesen Präpositionen auch spezifische grammatikalische Funktionen: die Präposition *von* ist die einzige, die das Agens in Passivsätzen einleitet; Infinitivsätze werden durch *zu* gebildet. Die Bedeutungsmöglichkeiten jüngerer Präpositionen sind andererseits sehr begrenzt, was schränkt den semantischen Feld ihren Komplementen ein, z.B. *im Zuge* hat nur eine temporale Bedeutung und kann demzufolge nur mit Zeitangaben oder durative Ereignisse bezeichnenden Substantiven verwendet werden (*im Zuge des Fußballspiels*).

6) Abbau der Segmentierbarkeit: während Präpositionen wie *über* und *zu* nicht segmentierbar sind, haben die jüngeren Präpositionen wie *im Wege* oder *im Gefolge* eine segmentierbare Struktur, welche sich auf ihre ursprüngliche Phrase zurückführen lässt. Wenn der Grammatikalisierungsgrad der Präpositionen steigt, wird sie als Einheit reanalysiert, was zur (phonetischen) Erosion führen kann.

7) Kleinschreibung: Grammatikalisierte Präpositionen tendieren zur Klein- und Zusammenschreibung: *an Statt* > *anstatt* > *statt*, *an Hand* > *anhand*, *mit Hilfe* > *mithilfe*.

| Kriterien | steigender Grammatikalisierungsgrad → | | |
|-------------------------|---------------------------------------|-------------------------|--------------------------------|
| Rektion | Genitiv | Genitiv/Dativ/Akkusativ | Dativ/Akkusativ |
| Stellung | zirkum-/postponiert | | präponiert |
| Länge | lang | | kurz |
| syntaktische Funktionen | sehr eingeschränkt | | vielfältig |
| semantische Funktionen | sehr spezifisch | | polysem/bedeutungsleer |
| innere Struktur | strukturell ambig | innere Struktur | keine Segmentierbarkeit |
| Orthographie | groß- und getrennt-geschrieben | | klein- und zusammengeschrieben |

Abbildung 2: Der Grammatikalisierungsgrad im Kern und in der Peripherie der deutschen Präpositionen (SZCZEPANIAK, 2011, S. 97)

Wie sich bei den authentischen Beispielen im Unterkapitel 1.1 erkennen lässt, regieren die neuen komplexen Präpositionen ausschließlich den Genitiv. Außerdem haben sie, wie schon erwähnt, noch keine phonetische Substanz verloren. In Bezug auf die semantische und syntaktische Vielwertigkeit haben sie eine sehr spezifische Bedeutung und erfüllen eine sehr eingeschränkte syntaktische Funktion – sie können nicht bedeutungsleer oder als Präpositionalobjekt einleitende Präposition verwendet werden. Zudem weisen diese Strukturen eine anscheinende Segmentierbarkeit (Präposition + Artikel + Substantiv) auf und werden immer groß und getrennt geschrieben.

Diese Merkmale deuten auf einen niedrigen Grammatikalisierungsgrad hin und signalisieren, dass die neuen komplexen Präpositionen relativ neulich entstanden sind.

1.3 MOTIVIERTHEITSGRADE DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN

Eine zentrale Eigenschaft der komplexen Präpositionen, die von besonderer Wichtigkeit für den Fremdsprachenunterricht sein kann, bezieht sich auf den sogenannten Motiviertheitsgrad dieser Strukturen. Grzybek (2007, S. 191) fasst die Geschichte des Begriffes „Motiviertheit“ zusammen und stellt fest, dass es bei „Motiviertheit“ darum geht, „inwieweit die Gesamtbedeutung eines Phrasems aus den Komponentenbedeutungen hervorgeht, d.h. ableitbar bzw. verstehbar ist“. Das heißt, inwieweit die Bedeutung von einer komplexen Präposition von der Bedeutung der einzelnen Komponenten, die diese komplexe Präposition bilden, abgeleitet werden kann. Diesbezüglich werden die Wortverbindungen häufig in drei Kategorien verteilt: (voll)motiviert, teilmotiviert und unmotiviert/idiomatisiert. Wichtig zu erwähnen ist, dass die Motiviertheit nicht diskret, sondern „graduell ausgeprägt (ist), wobei gleitende Übergänge zwischen den Motivationsstufen bestehen“ (BARZ, 2007, S. 27). Das heißt, es wird nicht genau definiert, ob eine Wortverbindung motiviert oder unmotiviert ist. Es lässt sich präziser sagen, dass es darum geht, zu welchem Extrem der Kategorisierung (voll- oder unmotiviert) eine Wortverbindung tendiert. Während man bei der ersten Kategorie ((voll)motiviert) die Bedeutung der Wortverbindung klar durch ihre Bestandteile ableiten kann, ist die Bedeutung bei teilmotivierten

Ausdrücken nicht direkt entschlüsselbar. Bei unmotivierten Wortverbindungen kann man andererseits von ihren Komponenten ihre Bedeutung nicht ableiten.

An dieser Stelle soll nochmals die Entwicklung neuer komplexer Präpositionen zur Sprache gebracht werden, um den Motiviertheitsgrad der neuen komplexen Präpositionen zu analysieren. Wie im Unterkapitel 1.2 erklärt wurde, treten die behandelten Strukturen durch Grammatikalisierungsprozesse auf, wo sie desemantisiert und in weiteren Kontexten benutzt werden. Häufig findet diese Desemantisierung statt, indem die nominalen Bestandteile dieser Ausdrücke, welche räumliche Bedeutungen aufweisen, uminterpretiert werden, sodass diese Ausdrücke auch abstrakter und am meisten zeitlich verwendet werden. Im letzten Unterkapitel wurde dieser Prozess auf detaillierte Weise am Beispiel von *im Vorfeld* beschrieben.

Szczepaniak (2011, S. 102) illustriert durch die folgenden Beispiele den Unterschied zwischen der räumlichen und zeitlichen Verwendung:

Räumlich:

Im Vorfeld der Stadt entstehen neue Siedlungen. (,vor/außerhalb der Stadt‘)

Im Gefolge befanden sich viele tapfere Ritter. (,dahinter folgten viele tapfere Ritter‘)

Zeitlich:

Im Vorfeld der Konferenz wurden Sanktionen angekündigt. (,vor der Konferenz‘)

Im Gefolge der Konferenz gab es Auseinandersetzungen. (,nach der Konferenz‘)

Die Uminterpretation von *im Vorfeld* z.B. „basiert auf der alltäglichen Erfahrung, dass man den Vorraum zuerst betritt“ (ebd, S. 94). Bei *im Gefolge* lässt sich die Hypothese aufstellen, dass die Grundlage für die zeitliche Uminterpretation die Erfahrung ist, dass die begleitenden Leute (das Gefolge) erst nach der begleiteten Person etwas machen sollen. In Bezug auf die anderen komplexen Präpositionen kann man auch Hypothesen aufstellen. Bei *im Wege* kann man vermuten, dass die Uminterpretation durch die Vorstellung ermöglicht wird, dass ein Weg in einem (räumlichen) Mittel besteht, durch den man irgendeinen Punkt erreichen kann. Damit wird der Ausdruck auch in abstrakteren Kontexten mit instrumentaler Bedeutung verwendet.

Die Frage des Motiviertheitsgrades der neuen komplexen Präposition bezieht sich somit darauf, inwieweit die Erfahrungen und Vorstellungen, die die Grundlagen für diese Uminterpretationen bilden, offensichtlich sind. Je unmittelbar

offensichtlicher sie sind, desto einfacher ist, die Strukturen aus ihren Bestandteilen zu verstehen. Dieser Aspekt ist auch von besonderer Relevanz, wenn es um Fremdsprachenunterricht geht. Die Frage, ob diese Erfahrungen und Vorstellungen gleichermaßen (nicht-)offensichtlich für Muttersprachler und Nichtmuttersprachler sind, soll direkt beeinflussen, wie komplexe Strukturen (u.a. komplexe Präpositionen, Funktionsverbgefüge, N-Komposita, Idiome) im Unterricht behandelt werden.

Obwohl in der Literatur keine spezifische Behandlung des Motiviertheitsgrades komplexer Präpositionen gefunden wurde, kann man aus dieser kleinen Analyse bestimmte Schlüsse ziehen. Wie gezeigt wurde, sind die Bedeutungen der neuen komplexen Präpositionen aus ihren Bestandteilen nicht direkt greifbar. Jedoch lassen sich durch relativ übliche Erfahrungen und Vorstellungen Hypothesen aufstellen, die die Uminterpretation dieser Strukturen begründen. Angesichts dessen scheint es angemessen festzustellen, dass die neuen komplexen Präpositionen am besten als teilmotivierte Wortverbindungen klassifiziert werden sollen.

Während sich die Bedeutung von *im Vorfeld* und *im Gefolge* einfacher ableiten lässt, ist der Motiviertheitsgrad von *im Wege* und *im Zuge* wahrscheinlich niedriger². Bei *im Zuge* (mit der Bedeutung von „während“, „im Laufe“) scheint es besonders schwierig, aus den einzelnen Komponenten ihre Bedeutung abzuleiten. Eine Hypothese ist, dass die Vorstellung, dass sich ein Zug durch/über den Raum bewegt, die Idee von zeitlicher Bewegung ausgelöst hat.

Im Zuge der Vorlesung

=

„in den Momenten, in denen die Vorlesung (durch/über die Zeit) bewegt/stattdfindet“

Angesichts dessen wird klar, dass die Entschlüsselung der Bedeutung der neuen komplexen Präpositionen sowie anderen phraseologischen Ausdrücken besondere Schwierigkeiten mit sich bringt. Die Motiviertheitsgrade verschiedener komplexer Strukturen sollen damit in Betracht gezogen werden, wenn es darum geht, sie im Fremdsprachenunterricht zu behandeln.

² Es soll darauf hingewiesen werden, dass diese Einschätzung auf meinem Eindruck als Nicht-Muttersprachler und auf meinen eigenen Schwierigkeiten basiert, diese komplexe Strukturen zu verstehen.

1.4 WARUM TRETEN NEUE PRÄPOSITIONEN AUF?

Dieses Unterkapitel setzt sich mit einer wichtigen Frage in Bezug auf die Entstehung der neuen komplexen Präpositionen: Wozu braucht man die neuen komplexen Präpositionen, d.h., warum treten sie auf, wenn es schon existierende Alternativen gibt? Warum tritt *im Vorfeld* auf, wenn es schon *vor* gibt? Diese Frage trifft auch auf andere komplexe Präpositionen zu, da es fast immer eine anscheinend gleichwertige Alternative gibt:

im Vorfeld vs. *vor*
im Gefolge vs. *nach*
im Zuge vs. *während*
im Wege vs. *durch*

Szczepaniak (2011) gibt eine mögliche Antwort, indem sie sich mit einer ähnlichen Frage auseinandersetzt. Die Autorin fragt sich, warum anstatt eindeutigen und kürzeren stark grammatikalisierten Präpositionen (wie z.B. *vor*, *nach*, *während* und *durch*) der Sprecher neuere komplexe Präpositionen verwendet. Sie versucht, am Beispiel von *am Rande* und *während* diese Frage zu beantworten. Nach Szczepaniak (2011, S. 102f) ist *am Rande* viel expressiver als *während*, da *am Rande* nicht nur die Gleichzeitigkeit bezeichnet, aber auch „dem Sprecher ermöglicht, (...) seine subjektive Einstellung zum Gesagten zu vermitteln“. Durch *am Rande* drückt man aus, dass zwei Ereignisse gleichzeitig stattgefunden haben, und es wird auch signalisiert, dass eins von ihnen von untergeordneter Wichtigkeit ist. Meibauer (1995, S. 63) erklärt durch das folgende Beispiel, wie die Verwendung von *am Rande* die konversationelle Implikatur der untergeordneten Wichtigkeit auslöst:

Der Parteitag der FDP tagte gestern in Koblenz.

- a) Während der Konferenz kam es zu Auseinandersetzungen.*
- b) Am Rande der Konferenz kam es zu Auseinandersetzungen.*

Während (b) impliziert, dass die Auseinandersetzungen nicht relevant und von untergeordneter Wichtigkeit waren, weist diesbezüglich der Satz (a) keine

Implikaturen auf. D.h. nur durch *am Rande* ist es möglich, diese subjektive Einstellung in Bezug auf die Ereignisse zu vermitteln. Dazu spricht Meibauer (1995) noch von der Implikatur der Konnektivität:

Der Parteitag der FDP tagte gestern in Koblenz.

c) Während der Konferenz wurde ein Mann erschossen.

d) Am Rande der Konferenz wurde ein Mann erschossen.

Bei der Fortsetzung (d) lässt sich verstehen, „dass der Mord etwas mit dem Parteitag zu tun hatte“ (ebd.), während (c) in dieser Hinsicht neutral ist. Die Verwendung von *am Rande* impliziert eine Beziehung zwischen den zwei erwähnten Ereignissen (die Konferenz und die Ermordung). Die Verwendung von *während* löst ihrerseits diese sogenannte Implikatur der Konnektivität nicht aus.

Wie *am Rande* lösen auch die hier behandelten neuen komplexen Präpositionen Implikaturen, die sie von den einfachen Präpositionen unterscheiden. Am Beispiel von *im Vorfeld* und *im Gefolge* wird es hier dargestellt, wie sich die neuen komplexen Präpositionen von anderen stark grammatikalisierten Alternativen unterscheiden. Meibauer (1995, S. 65) beschreibt zwei Implikaturen, die durch die Verwendung von *im Vorfeld* und *im Gefolge* ausgelöst werden.³ Wie *am Rande* löst auch *im Vorfeld* die Implikatur der Konnektivität, wie in folgenden Sätzen zu sehen ist:

Der Parteitag der FDP tagte gestern in Koblenz.

e) Vor der Konferenz wurde ein Mann erschossen.

f) Im Vorfeld der Konferenz wurde ein Mann erschossen.

Im Satz (f) ist es zu verstehen, dass der Mord in Zusammenhang mit der Konferenz stehen muss. Im Satz (e) ist diese Interpretation nicht möglich. Bei *im Vorfeld* ist noch zu bemerken, was Meibauer (ebd.) Implikatur der zeitlichen Ausdehnung nennt. Während bei *vor* der zeitliche Abstand zwischen den im Satz genannten Ereignissen nicht wichtig ist, spielt anscheinend bei *im Vorfeld* der zeitliche Abstand eine Rolle:

³ Zu einer schrittweisen Erklärung siehe Meibauer (1995). Zu den detaillierten Informationen zum Thema Implikaturen (Definitionen, Typen, usw.) siehe Liedtke (1995).

Der Parteitag der FDP tagte gestern in Koblenz.

g) Ein halbes Jahr / 5 Minuten vor der Konferenz kam es zu Auseinandersetzungen.

h) Im Vorfeld der Konferenz, und zwar ??5 Minuten / ein halbes Jahr vorher, kam es zu Auseinandersetzungen.

Desweiteren stellt der Autor fest, dass bei *im Vorfeld* sich in der Regel die im Satz erwähnten Aktivitäten in einem gewissen Zeitraum wiederholen können. Deshalb passt *im Vorfeld* nicht gut in Kontexten, wo sich die Ereignisse höchstwahrscheinlich nicht wiederholen können, wie im Satz (j).⁴

Der Parteitag der FDP tagte gestern in Koblenz.

(i) Vor der Konferenz explodierte eine Autobombe.

(j) ??Im Vorfeld der Konferenz explodierte eine Autobombe.

Meibauer (1995, S. 67) zeigt noch, dass auch bei *im Gefolge* diese zeitliche Ausdehnung eine Rolle spielt, indem die Ereignisse zeitlich ausgedehnt werden und nicht kurz nacheinander stattfinden können. Um das zu illustrieren, werden die folgenden Beispiele dargestellt:

Der Parteitag der FDP tagte vor einem halben Jahr in Koblenz.

k) Fünf Minuten nach der Konferenz kam es zu Zerwürfnissen.

l) ??Im Gefolge der Konferenz kam es nach fünf Minuten zu Zerwürfnissen.

m) Nach der Konferenz explodierte eine Autobombe.

n) ??Im Gefolge der Konferenz explodierte eine Autobombe.

Bezüglich der Implikatur der Konnektivität lässt sich feststellen, dass sie bei *im Gefolge* von besonderer Wichtigkeit ist, da es in diesem Fall scheint, dass es zwischen den Ereignissen eine Kausalitätsbeziehung gibt:

⁴ Der Autor weist darauf hin, dass in gewissen Kontexten diese Implikaturen streichbar sind, „was für den Charakter als konversationelle Implikatur spricht“. Für detaillierte Auseinandersetzung mit diesem Thema siehe Meibauer (1995).

Der Parteitag der FDP tagte vor einem Monat in Koblenz.

o) Im Gefolge des Parteitags kam es zu ernsthaften Zerwürfnissen zwischen den Koalitionspartnern

p) Nach dem Parteitag kam es zu ernsthaften Zerwürfnissen zwischen den Koalitionspartnern.

Das Komplement der komplexen Präposition (der Parteitag) wird „regelmässig als Ursache für das (zeitlich folgende) Ereignis betrachtet“ (ebd.), d.h., wegen des Parteitags kam es zu Zerwürfnissen. Durch die Verwendung von *im Gefolge* haben die Ereignisse sowohl eine Nachzeitigkeit- als auch eine Kausalitätsbeziehung.

Angesichts dieser Merkmalen lässt sich sagen, dass die neuen komplexen Präpositionen und ihre anscheinend gleichwertige Entsprechungen nicht in allen Kontexten austauschbar sind, da durch die neuen komplexen Präpositionen, z.B. *im Gefolge*, mehr (nicht nur Nachzeitigkeit, aber auch Kausalität und zeitliche Ausdehnung) ausgedrückt werden kann. Damit wird eine Antwort auf die Frage geliefert, warum man die neuen komplexen Präpositionen braucht, wenn es schon primäre einfache Präpositionen gibt. Zusammenfassend lässt sich die Entstehung dieser Konstruktionen so begründen: Durch die Auslösung von Implikaturen können die neuen komplexen Präposition Funktionen erfüllen, die durch die Verwendung von *vor*, *nach*, *durch* und *während* nicht erfüllt werden.

Mithilfe der neuen Präpositionen kann der Sprecher mehr mitteilen als nur die temporale Relation, z.B. die untergeordnete Wichtigkeit. Dies ermöglicht dem Sprecher, auf die eigene Einstellung hinzuweisen und so Spannung zu erzeugen [...] (SZCZEPANIAK, 2011, S.103)

1.5 DARSTELLUNG IN GRAMMATIKEN DER DEUTSCHEN SPRACHE

In diesem Unterkapitel wird zusammenfassend beschrieben, wie einige Grammatiken der deutschen Sprache die komplexen Präpositionen darstellen, wenn sie überhaupt erwähnt werden, und ob die neuen komplexen Präpositionen in diesen Werken irgendeine Berücksichtigung finden. Zwei Grammatiken aus den 90er Jahren

(Engel (1996) und Helbig und Buscha (1996))⁵ und die modernste Auflage der Duden-Grammatik (2009) werden hier benutzt.

Deutsche Grammatik – 3. Korrigierte Auflage (1996) von Ulrich Engel

Im dritten Kapitel dieses Werkes (*Partikeln*) wird den Präpositionen ein Unterkapitel gewidmet, wo der Autor eine lange Liste von deutschen Präpositionen mit Verwendungsbeispielen und Informationen zu Kasus aufweist. Vor der Liste macht Engel (1996, S. 692) die Anmerkung, „die Liste enthält auch ehemalige Adjektive, Adverbien und Präpositionalphrasen, die heute wie Präpositionen gebraucht werden (...)“. Damit wird klar, dass der Begriff „komplexe Präposition“ im Werk nicht benutzt wird. Er nennt diese Konstruktionen *präpositionartige Präpositionalphrase* und unterscheidet sie wie folgt in zwei Typen: „Präpositionartige Präpositionalphrase regieren teils unmittelbar einen spezifischen Kasus, teils eine weitere Präposition, die ihrerseits einen spezifischen Kasus verlangt“ (ENGEL, 1996, S. 699). Das heißt, zwei Strukturen von präpositionsartigen Präpositionalphrase sind möglich:

Präposition + Substantiv (+ Komplement)

Präposition + Substantiv + Präposition (+ Komplement)

Außerdem detailliert der Autor den Unterschied zwischen diesen zwei Typen von Strukturen, da sie nicht gleichermaßen modifiziert werden können. Er sagt:

Während die Phrasen, die unmittelbar ein genitivischen Element regieren, zum grossen Teil nicht weiter verändert werden können, sind Phrasen mit zusätzlicher Präposition meist zusätzlich attribuierbar. Deshalb ist der Ausdruck

**im ununterbrochenen Laufe dieser Nacht*

unkorrekt, während der Ausdruck

mit spezieller Rücksicht auf deine Mutter

korrekt ist. (ebd., S. 701)

Die Unmodifiziertheit einiger komplexer Präpositionen wurde auch von Szczepaniak (2011) ausführlich beschrieben und wie schon erklärt trifft sie auch auf

⁵ Obwohl es schon neuere Auflagen dieser Werke veröffentlicht wurden, waren sie für mich zur Zeit des Schreibens dieses Unterkapitels nicht verfügbar.

die neuen komplexen Präpositionen zu. In der von Engel (1996) aufgewiesenen Liste von präpositionsartigen Präpositionalphrasen werden keine neuen komplexen Präpositionen aufgeführt. Einige Beispiele von Konstruktionen der Liste sind u.a. *in Abhängigkeit von, mit Rücksicht auf, im Sinne, im Laufe, auf der Basis, im Gegensatz zu, im Rahmen*.

Nach dem Unterstreichen der Unmodifiziertheit der genitivregierenden präpositionsartigen Präpositionalphrasen, stellt der Autor widersprüchlich im Unterkapitel „Zur Charakteristik bestimmter Teilmengen“ fest:

Bei fast allen präpositionsartigen Präpositionalphrasen mit Genitivreaktion kann der genitivische Satellit durch ein Determinativ ersetzt werden:

unter dem Einfluss seines Vaters → unter dessen Einfluss
im Lichte der Nachbarsprachen → in diesem Lichte
zum Zwecke der Versöhnung → zu solchem Zwecke
(ebd, S. 704)

Angesichts dieser Anmerkung von Engel (1996) lässt sich der Status einiger Konstruktionen in seiner Liste bezweifeln, da sie die Merkmale von festen präpositionalen Einheiten nicht aufweisen. Es soll hier betont werden, dass bei den neuen komplexen Präpositionen diese Ersetzung nicht möglich ist:

im Zuge des Krieges → **in seinem / dessen / diesem / solchem Zuge*

im Vorfeld der Vorlesung → **in diesem / ihrem / deren / solchem Vorfeld*

Deutsche Grammatik – Ein Handbuch für den Ausländerunterricht (1996) von Gerhard Helbig und Joachim Buscha

In diesem Werk wird der Wortklasse der Präpositionen ein Kapitel gewidmet. Helbig und Buscha (1996) unterscheiden primäre von sekundären Präpositionen. Während die primären Präpositionen „nicht als Ableitungen oder Zusammensetzungen von Wörtern anderer Wortklassen erkennbar“ sind, „eine relativ geschlossene Wortklasse“ bilden, „gewöhnlich nicht den Genitiv (außer *während* und *wegen*), sondern den Dativ (*aus, bei* u.a.) oder den Akkusativ (*durch, ohne* u.a.) bzw. beide Kasus (*an, auf, neben* u.a.)“ regieren und „von Verben und Adjektiven regiert werden können“ (HELBIG und BUSCHA, 1996, S. 402), handelt es sich bei den sekundären Präpositionen um „Ableitung von Wörtern anderer Wortklassen (vor

allem mit Suffix -s oder -lich)“ oder „Zusammensetzungen und Wortgruppen aus Präposition + Substantiv (zumeist mit Nullartikel)“ (ebd, S. 403).

Wie sich durch die Beschreibung erkennen lässt, enthält diese zweite Gruppe von sekundären Präpositionen die komplexen Präpositionen. Die Autoren fügen noch hinzu, dass die meisten sekundären Präpositionen den Genitiv regieren und von Verben und Adjektiven nicht regiert werden können. Interessant zu bemerken ist, dass keine Liste von sekundären Präpositionen gemacht wird, sondern „nur eine Auswahl besonders wichtiger und häufig gebrauchter sekundärer Präpositionen“, da „sie eine offene Wortklasse bilden, die nicht vollständig aufgelistet werden kann“ (ebd.).

Obwohl in der Auswahl der Autoren (*in Anbetracht, auf Grund, mit Hilfe, im Laufe, mit Ausnahme* u.a.) keine neue komplexe Präposition zu finden ist, unterstreichen die Autoren die Tatsache, dass „vor allem aus den Wortgruppe Präposition + Substantiv bilden sich in der Gegenwartssprache immer wieder neue präpositionswertige Verbindungen“ (ebd.). Schließlich wird eine Liste von Kriterien aufgewiesen, die für die Bewertung einer Wortgruppe als Präposition verwendet werden können und im Grunde dieselben Kriterien vom Abbild 2 sind.

Duden - Die Grammatik (2009)

In der Abteilung „die nicht flektierbaren Wortarten“ dieses Werkes wird den Präpositionen ein Unterkapitel gewidmet. Sie werden in drei unterschiedliche Komplexitätsgrade aufgeteilt: einfache (oder primäre) Präpositionen; komplexe (oder sekundäre) Präpositionen und Präpositionsartige Wortverbindungen. Der Unterschied zwischen der zweiten und dritten Stufe liegt nur in der Orthographie, sodass *anstelle* und *mithilfe* zu der zweiten Stufe gehören, während *an Stelle* und *mit Hilfe* in der dritten Stufe zu finden sind. In diesem Werk benennt man „präpositionsartige Wortverbindungen“, was in der vorliegenden Arbeit „komplexe Präpositionen“ sind.

Dieses Werk unterscheidet sich von den anderen, indem der Entstehungsprozess der Präpositionen zusammenfassend erklärt wird. Die Autoren stellen fest, dass die Entstehung neuer Präpositionen typischerweise von der dritten über die zweite zur ersten Stufe verläuft, und widmen dem Entstehungsprozess von

Präpositionen eineinhalb Seiten, wo sogar die Begriffe „Grammatikalisierung“ und „Präpositionalisierung“ erwähnt werden. Die prototypischen Eigenschaften, die die Wortklasse der Präpositionen kennzeichnen und dieselben vom Abbild 2 sind, werden knapp beschrieben und durch beispielhafte Konstruktionen historisch begründet.

- Präpositionen stehen vor ihrem Bezugswort; vgl. die heutige Schwankung von dem Lehrer gegenüber (älter) und gegenüber dem Lehrer (jünger).
 - Präpositionen sind kurz (in, an, bei, zu); vgl. anstatt (älter) → statt (jünger).
 - Präpositionen regieren den Dativ und/oder den Akkusativ, in einer Frühphase eher den Genitiv; fast alle einfachen Präpositionen regieren den Dativ und/oder den Akkusativ, fast alle komplexen Präpositionen und präpositionsartigen Wortverbindungen dagegen den Genitiv. Im Zuge der Präpositionalisierung wird der Genitiv abgebaut, vgl. wegen des Geldes (älter) → wegen dem Geld (jünger).
 - Prototypische Präpositionen werden klein- und zusammengeschrieben: an Stelle (älter) → anstelle (jünger)
- (DUDEN, 2009, S. 601f)

Keine weitere Einzelheiten der sogenannten präpositionsartigen Wortverbindungen werden genannt. In der kleinen Liste von Beispielen dieser Strukturen ist *im Gefolge* zu sehen. Das ist das einzige analysierte Werk, das eine neue komplexe Präposition erwähnt. Zudem wird – vermutlich absichtlich – die neue komplexe Präposition *im Zuge* verwendet, obwohl sie nicht als Beispiel von präpositionsartigen Wortverbindungen erwähnt wird.

Zusammenfassung

Durch die Analyse dieser Werke lässt sich klar feststellen, dass im Allgemeinen die neuen komplexen Präpositionen in Grammatiken der deutschen Sprache noch nicht erwähnt werden. Auch wenn Duden (2009) in der Liste von präpositionsartigen Wortverbindungen *im Gefolge* enthält, werden keine detaillierten Informationen zu den morphosyntaktischen Merkmalen dieser Strukturen dargestellt. Beide Grammatiken der 90er Jahren weisen andererseits ausführlicher die Eigenschaften dieser Art von Konstruktion auf, aber enthalten keine neue komplexe Präposition in ihren Listen.

Das Phänomen der Grammatikalisierung wird nur in Duden (2009) erwähnt, jedoch wird keine Analyse in Bezug auf den Grammatikalisierungsgrad der komplexen Präpositionen aufgewiesen. Obwohl Helbig und Buscha (1996) und Engel (1996) diese Strukturen ausführlicher beschreiben, werden ihre Eigenschaften nicht in Zusammenhang mit Grammatikalisierungsprozessen oder ihrem Grammatikalisierungsgrad dargestellt.

Außerdem findet die Textsortenspezifität dieser Strukturen in allen behandelten Grammatiken keine Berücksichtigung, indem die sprachlichen Kontexte, in denen die komplexen Präpositionen vorkommen, nicht in Betracht bezogen werden.

KAPITEL 2

In diesem Kapitel geht es um methodologische Aspekte der Arbeit. Zuerst werden die benutzten Korpora ausführlich beschrieben, dann wird detailliert erklärt, wie die neuen komplexen Präpositionen in den Korpora gesucht wurden. Zum Schluss dieses Kapitels werden die Relevanz und die Bedeutung der potenziellen Suchergebnisse behandelt.

2.1 DIE BENUTZTEN KORPORA

In der vorliegenden Arbeit wird anhand von Korpora der gesprochenen und geschriebenen Sprache die Häufigkeit der neuen deutschen komplexen Präpositionen analysiert. Die folgenden Korpora werden hier berücksichtigt:

- Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache (DWDS):
<http://www.dwds.de/>
- Datenbank für gesprochenes Deutsch (DGD):
<http://dgd.ids-mannheim.de/>

Außer den Wörterbüchern, die den Kern des Projekts bilden, enthält das DWDS auch mehrere Korpora der geschriebenen Sprache. Für diese Arbeit werden „das Kernkorpus des 20. Jahrhunderts“ und das Korpus der Zeitung „Die ZEIT“ verwendet. Das Kernkorpus des 20. Jahrhunderts (fortan einfach „Kernkorpus“) umfasst ca. 100 Millionen Textwörter und wird definiert

als „ein zeitlich und nach Textsorten (Belletristik, Gebrauchsliteratur, Wissenschaft, Journalistische Prosa) ausgewogenes Korpus des gesamten 20. Jahrhunderts. Textgrundlage sind Werke der Literatur, wissenschaftliche Texte, Gebrauchstexte und Zeitungstexte, die in einem ausgewogenen Verhältnis zueinander stehen.“ (<http://www.dwds.de/ressourcen/korpora/> Stand: 22/10/2014).

Durch eine kostenlose Anmeldung erhält man Zugang zum Korpus.

Das ZEIT-Korpus umfasst zurzeit (Stand: 13/10/2014) ca. 225 Millionen Textwörter und wird gelegentlich aktualisiert. Es enthält „alle ZEIT-Ausgaben, soweit diese auf zeit.de in digitaler Form zur Verfügung stehen, von 1946 bis heute, sowie Artikel, die nur auf zeit.de online erschienen sind.“ (<http://www.dwds.de/ressourcen/korpora/> Stand: 22/10/2014).

Diese zwei in der DWDS-Webseite verfügbaren Korpora, die insgesamt ca. 325 Millionen Textwörter umfassen, stellen in dieser Arbeit das geschriebene Register des Deutschen dar.

Die DGD ist eine Datenbank mit mehreren Korpora der gesprochenen Sprache. Es enthält zurzeit 21 Korpora, von denen in dieser Arbeit die folgenden verwendet werden:

BR - Biographische und Reiseerzählungen

DS - Dialogstrukturen

EK - Elizitierte Konfliktgespräche

FOLK - Forschungs- u. Lehrkorpus für gesprochenes Deutsch

FR - Grundstrukturen: Freiburger Korpus

HL - Deutsche Hochlautung

IS - Emigrantendeutsch in Israel

ISW - Emigrantendeutsch in Israel: Wiener in Jerusalem

KN - Deutsche Standardsprache: König-Korpus

OS - Deutsche Mundarten: ehemalige deutsche Ostgebiete

PF - Deutsche Umgangssprachen: Pfeffer-Korpus

ZW - Zwirner-Korpus

Sie bestehen aus Korpora mit muttersprachlichen Daten und umfassen ca. 7,5 Millionen Textwörter. Durch eine kostenlose Anmeldung erhält man Zugang zur DGD, was das Suchen in Texten aller Korpora ermöglicht. Sie stellen in dieser Arbeit das gesprochene Register des Deutschen dar.

Die folgende Tabelle gibt einen Überblick über die benutzten Korpora:

| Benutzte Korpora der deutschen Sprache | Zeitraum | Größe (Million Wörter) |
|---|-----------|---------------------------|
| Gesprochene Sprache (DGD) | | insgesamt: 7,5 |
| BR - Biographische und Reiseerzählungen | 1985-1990 | - |
| DS - Dialogstrukturen | 1960-1977 | - |
| EK - Elizitierte Konfliktgespräche | 1988-1990 | - |
| FOLK - Forschungs- u. Lehrkorpus für gesprochenes Deutsch | 2005-2012 | - |
| FR - Grundstrukturen: Freiburger Korpus | 1960-1974 | - |
| HL - Deutsche Hochlautung | 1971-1975 | - |
| IS - Emigrantendeutsch in Israel | 1989-2011 | - |
| ISW - Emigrantendeutsch in Israel: Wiener in Jerusalem | 1998-2011 | - |
| KN - Deutsche Standardsprache: König-Korpus | 1975/1976 | - |
| OS - Deutsche Mundarten: ehemalige deutsche Ostgebiete | 1962-1965 | - |
| PF - Deutsche Umgangssprachen: Pfeffer-Korpus | 1961 | - |
| ZW - Zwirner-Korpus | 1955-1970 | - |
| Geschriebene Sprache (DWDS) | | insgesamt: 325 |
| das Kernkorpus des 20. Jahrhunderts | 1901-2000 | 100 |
| Die ZEIT (Zeitungskorpus) | 1946-2014 | 225 |

Abbildung 3: Überblick der benutzten Korpora

2.2 SUCHVERFAHREN

In diesem Unterkapitel wird detailliert erklärt, wie die neuen komplexen Präpositionen in den benutzten Korpora gesucht wurden.

Da in der gesprochenen Sprache die Anzahl von Treffern immer sehr niedrig war, war es möglich, in der DGD einfach nach den neuen komplexen Präpositionen zu suchen (sie im Suchfeld einzutippen) und die Fälle von neuen komplexen Präpositionen manuell zu zählen, d.h. Fälle von adverbialer oder nicht präpositionaler Verwendung der gesuchten Ausdrücken wurden manuell abgelegt.

Im DWDS wurde wegen der großen Anzahl von Treffern eine andere Suchstrategie gewählt. Es wäre nicht möglich, einfach im Suchfeld die gesuchten komplexen Präpositionen einzutippen und die unerwünschten Treffer manuell abzulegen, wie es bei DGD gemacht wurde. Bei dem DWDS war es nötig, bestimmte Ausdrücke mit logischen Operatoren zu formulieren, um so gut wie möglich die Treffer auf die gesuchten komplexen Präpositionen zu beschränken. Informationen bezüglich des Annotationssystems vom DWDS und der möglichen logischen Operatoren findet man in der DWDS-Webseite: <http://www.dwds.de/hilfe/suche/>.

Der für die Suche nach *im Gefolge* verwendete Ausdruck wird hier exemplarisch erklärt:

"im gefolge \$p=/^NE|ART|ADJA|PDAT|PIAT|PIDAT|PPOSAT|PWAT\$/"

Durch diesen Ausdruck soll man alle Fälle von „im gefolge“ (unabhängig von Groß- oder Kleinbuchstaben) gefolgt von einem dieser Wortarten finden:

- **Eigennamen (NE), wie bei:**

*Sie will nicht, **im Gefolge Trotzki's**, eine Reform des Bolschewismus erhoffen.* (Die Zeit, 17.10.1986, Nr. 43);

- **Bestimmte oder unbestimmte Artikel (ART), wie bei:**

***Im Gefolge der** beiden Balkankriege schlitterte Österreich-Ungarn dann in eine anhaltende Depression, die Arbeitslosigkeit stieg sprunghaft an.* (Die Zeit, 29.01.2014, Nr. 06);

- **Attributive Adjektive (ADJA), wie bei:**

*Drei militante Rechte , » Frontkämpfer « , hatten am 30. Jänner in dem burgenländischen Ort Schattendorf **im Gefolge lokaler** Auseinandersetzungen auf eine Gruppe von Sozialdemokraten geschossen und dabei zwei Menschen, einen Kriegsinvaliden und einen Schulbuben, getötet.* (Die Zeit, 28.06.2007, Nr. 27);

- **Attribuierende Demonstrativpronomen (PDAT), wie bei:**

*Sollte der Fonds **im Gefolge dieser** Entwicklung zu einem wirklich globalen Krisenmanager ausgebaut werden, wäre also zumindest eine Asymmetrie zwischen den Mitgliedsländern dahin: (...).* (Die Zeit, 23.01.2012 (online))

- **Attribuierende Indefinitpronomen ohne Determiner (PIAT), wie bei:**

*Zwar wurden die gesetzlichen Regelungen **im Gefolge solcher** Ereignisse gewöhnlich verschärft.* (Die Zeit, 22.04.2002, Nr. 16);

- **Attribuierende Indefinitpronomen mit Determiner (PIDAT): in den Korpora wurde kein Treffer gefunden**

- **Attribuierende Possessivpronomen (PPOSAT), wie bei:**

*Mehr als 300000 Menschen hat Marokko **im Gefolge seiner** Invasion vor einem Vierteljahrhundert ins Land geführt.* (Die Zeit, 02.07.2001, Nr. 27);

- **Attribuierende Interrogativpronomen (PWAT): in den Korpora wurde kein Treffer gefunden**

Durch diese Suche sollen alle möglichen Fälle von *im Gefolge* als komplexe Präposition betrachtet und die meisten von adverbialer Verwendung vermieden werden. An dieser Stelle können exemplarisch einige Ergebnisse erwähnt werden, um die Effizienz dieser Suchstrategie zu illustrieren. Wenn man den obengenannten logischen Ausdruck benutzt, werden im ZEIT-korpus 1039 und im Kernkorpus 278 Treffer gefunden, unter den bzw. 948 und 275 Fälle von *im Gefolge* als komplexe Präposition sind. Wenn man andererseits im Suchfeld einfach „im gefolge“ eintippt, bekommt man 1457 und 531 Treffer als Resultat. Das heißt, in diesem Fall werden durch diesen Ausdruck ungefähr 87,7% der unerwünschten Treffer automatisch vermieden und anstatt 765 musste man im Fall von *im Gefolge* 94 Treffer manuell ablegen. Zusammenfassend wurde bei der Suche nach jeder neuen komplexen Präposition der obengenannte Ausdruck verwendet, dann wurden alle gefundene Treffer manuell geprüft, damit die unerwünschten Treffer (d.h. adverbiale Verwendung der gesuchten Strukturen) abgelegt werden konnten.

Es soll hier noch hinzugefügt werden, dass wegen bestimmter Merkmale des Suchverfahrens und der benutzten Korpora die Ergebnisse quantitativ nicht immer genauesten sind. Die im nächsten Kapitel dargestellten Ergebnisse können wegen des Suchverfahrens geringfügigen Zählungsfehlern unterliegen. Wie erklärt, wurden die Treffer nach der elektronischen Suche manuell geprüft, was insbesondere bezüglich der frequentesten Präpositionen zu Zählungsfehler führen kann. Sie sollen jedoch höchst selten sein und die auf die Daten basierenden Schlussfolgerungen nicht abändern. Außerdem wird im ZEIT-Korpus eine geringe Anzahl von Treffern doppelt gezeigt, welche sowohl in der Webseite der Zeitung als auch in der Druckfassung veröffentlicht wurden. Das bedeutet, das numerische Resultat der Suchen mag nicht genau der realen Anzahl von Treffern entsprechen. Das kommt jedoch selten vor und beeinflusst die anhand von den Ergebnissen identifizierten Tendenzen nicht.

2.3 ZUR STATISTISCHEN RELEVANZ DER ERGEBNISSE

Bevor im nächsten Kapitel auf die Ergebnisse eingegangen wird, soll ihre potenzielle Relevanz vorsichtig behandelt werden. Zuerst soll darauf hingewiesen werden, dass es einen sehr großen Unterschied zwischen den Größen der Korpora gibt. Während die Korpora der geschriebenen Sprache mehr als 560 Millionen Wörter beinhalten, erreichen die Korpora der gesprochenen Sprache einen Gesamtbetrag von ungefähr 7,6 Millionen Wörtern. Aus diesem großen Unterschied ergibt sich, dass die im nächsten Kapitel dargestellten Ergebnisse statistisch nicht bedeutend sind. Das heißt, obwohl Vergleiche zwischen geschriebener und gesprochener Sprache vorgenommen und Schlussfolgerungen gezogen werden, sollte man sie nicht generalisieren und somit annehmen, dass sie eine allgemeingültige Verteilung der neuen komplexen Präpositionen widerspiegeln. Die Ergebnisse sollen jedoch nicht als unbedeutend betrachtet werden, da trotz des Unterschieds in Größe die Korpora in einer repräsentativen Probe der deutschen Sprache bestehen. Außerdem ist für die behandelten Strukturen das Format der benutzten Korpora sehr passend. Korpora mit längeren Textproben sind nötig, seltene linguistische Ereignisse (wie die neuen komplexen Präpositionen) quantitativ zu analysieren, da sie weniger stabil sind (BIBER, 1993). Daraus ergibt sich, dass „very infrequent phenomena will most likely not be reliably represented in any corpus which was compiled on the basis of text samples.“ (HOFFMANN, 2005, S. 156). Zumal die benutzten Korpora größtenteils aus kompletten Texten bestehen, sind sie höchstwahrscheinlich der Untersuchung komplexer Präpositionen angemessen und sollen dazu dienen, wichtige Tendenzen bezüglich der neuen komplexen Präpositionen zu identifizieren.

Diese identifizierten Tendenzen können ihrerseits näher erläutern, wie (in Bezug auf linguistische und didaktische Aspekte) und in welchen Kontexten (u.a. bei welchem Register, bei welchem Sprachniveau, in welchen Textsorten) im DaF-Unterricht die neuen komplexen Präpositionen behandelt werden sollen.

KAPITEL 3

In diesem Kapitel geht es um die Ergebnisse der Suche in den Korpora. Sie werden ausführlich beschrieben und wenn möglich graphisch dargestellt. Verschiedene Aspekte der Ergebnisse werden hier schrittweise behandelt, damit die Forschungsfragen so detailliert wie möglich beantwortet werden. Sie werden außerdem detailliert analysiert, indem die theoretischen und didaktischen Konsequenzen der Ergebnisse zur Sprache gebracht werden.

3.1 ZUR WICHTIGKEIT DER HÄUFIGKEIT

Die Häufigkeit der neuen komplexen Präpositionen wird zuerst berücksichtigt. Hier werden die allgemeine Distribution der neuen komplexen Präpositionen unter der gesprochenen und geschriebenen Sprache, sowie die Häufigkeit jeder neuen komplexen Präposition, ans Licht gebracht. An dieser Stelle soll darauf eingegangen werden, wie wichtig für die linguistische Analyse die Häufigkeit ist und welche Rolle sie im Sprachwandel spielen kann.

Hoffmann (2005, S. 144) bespricht die Wichtigkeit der Häufigkeit in der Grammatikalisierung, indem er eine zentrale Voraussetzung der funktionalistischen Linguistik zur Sprache bringt: „language use shapes grammar“. Obwohl man noch nicht genau weißt, wie Sprachgebrauch und Sprachstruktur interagieren, soll in dieser Beziehung Gebrauchshäufigkeit von besonderer Wichtigkeit sein. Verschiedene Autoren versuchen zu zeigen, wie die Gebrauchshäufigkeit den Grammatikalisierungsprozess und allgemeine Sprachwandelsprozesse beeinflusst. Hopper und Traugott (2003, S. 106) stellen fest, dass “the more frequently a form occurs in texts, the more grammatical it is assumed to be. Frequency demonstrates a kind of generalization in use patterns”. Heine (1993, S. 111) zeigt in seiner Studie von Hilfsverben, dass “it is the pragmatic factor of frequency of use that appears to be most immediately responsible for erosion”, d.h. phonetische Substanz wird hauptsächlich wegen hoher Gebrauchshäufigkeit verloren. Erwähnenswert sind auch

die von Bybee (2007) genannten „Conserving Effect“ und „Reducing Effect“. Als Folge von hoher Häufigkeit kann sich im Laufe der Zeit eine bestimmte linguistische Struktur erhalten, während sich weniger häufige Strukturen durch Analogie verändern. Hochfrequente Verben der englischen Sprache, die ihre irreguläre Präteritumsform behalten haben, werden als Beispiel dieses konservierenden Effektes erwähnt:

For instance, for English irregular verbs, there is a general trend diachronically toward regularization, a trend also witnessed in child language development. However, the higher frequency verbs resist this trend; thus keep, sleep, weep, leap, and creep and other verbs of this shape acquired irregular past forms when the vowel was shortened in early Middle English, giving kept, slept, wept, leapt, and crept. Only the lower frequency verbs of this class have subsequently developed regularized pasts weeped, leaped, and crept (still used alongside the irregulars). (BYBEE 2007, 10).

In Bezug auf den sogenannten reduzierenden Effekt erwähnt Bybee (2007) Fälle, die zeigen, dass oft wiederholte Ausdrücke dazu tendieren, sich phonetisch zu reduzieren. Dieser Prozess macht auch das Phänomen der Grammatikalisierung aus und wird Erosion genannt. Der Autor erwähnt die Reduktion von „be going to“ zu [gəne] und sogar „I’m gonna“ zu [aiməne] (BYBEE, 2007, S. 13). Wie hohe Häufigkeit phonetische Reduktion auslösen kann, wird folgendermaßen erklärt:

My view (...) is that phonetic reduction is directly tied to neuromotor processing: repeated sequences of neuromotor commands and actions tend to be processed as single units; at the same time, repeated sequences tend to become more efficient by the increased overlap and reduction of the gestures involved (...). This domain-general process is responsible both for the fact that general reductive sound change occurs earlier in high-frequency words and that special reduction occurs in very high-frequency words and phrases. Thus frequency of use is one factor in explaining sound change. (BYBEE 2007, 11)

In Bybee und Hopper (2001) findet man eine große Anzahl von Artikeln, die sich mit der Beziehung zwischen Häufigkeit und Sprachstruktur beschäftigen. Die Rolle der Häufigkeit im sogenannten „French Liaison“ (BYBEE, 2001), in der Realisierung des englischen „that“ (BERKENFIELD, 2001) und in englischen entstehenden Modalverben (KRUG, 2001) sind Beispiele von Phänomenen, die im erwähnten Buch behandelt werden und deutlich die Wichtigkeit der Häufigkeit im Sprachwandelprozess hervorheben.

Vor diesem Hintergrund werden hier die Ergebnisse der Suche nach den deutschen neuen komplexen Präpositionen in Korpora der gesprochenen und geschriebenen Sprache aufgewiesen. Wenn möglich werden Diagramme dargestellt, damit die Dateien auch visuell verglichen werden können. Angesichts der oben besprochenen Wichtigkeit der Häufigkeit sollen die Ergebnisse von besonderer Relevanz für die neuesten Entwicklungen der deutschen Sprache sein und mögliche Entwicklungstendenzen aufzeigen.

3.2 HÄUFIGKEIT DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN

Unten illustriert das Balkendiagramm die Häufigkeit der neuen komplexen Präpositionen in der geschriebenen und gesprochenen Sprache:

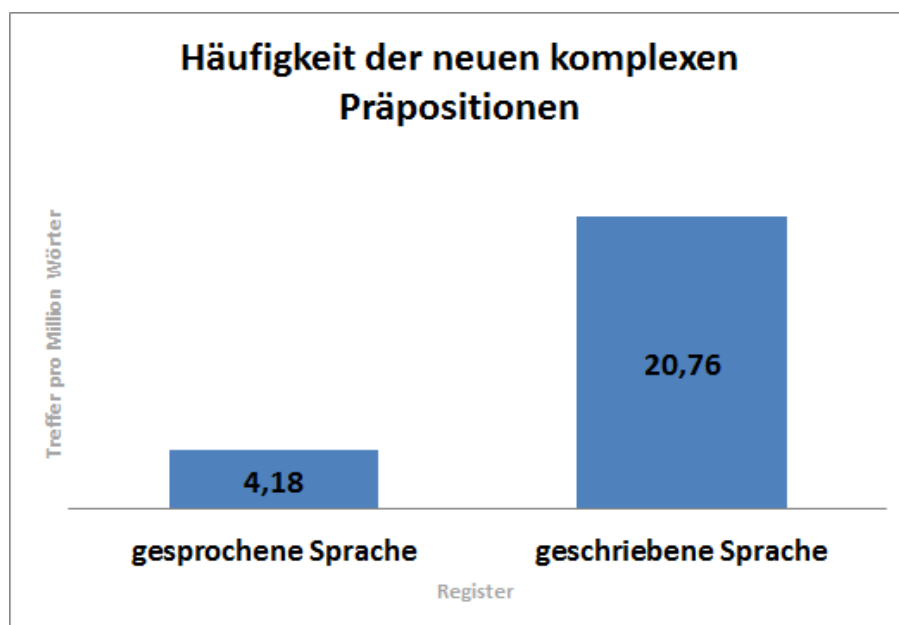


Abbildung 4: Häufigkeit der neuen komplexen Präpositionen in den benutzten Korpora (Treffer / Million Wörter)

Durch das Diagramm wird klar, dass die neuen komplexen Präpositionen viel häufiger in der geschriebenen Sprache vorkommen als in der gesprochenen Sprache. Durch das nächste Diagramm kann man bestätigen, dass diese Distribution auch für jede einzelne komplexe Präposition wahr ist.

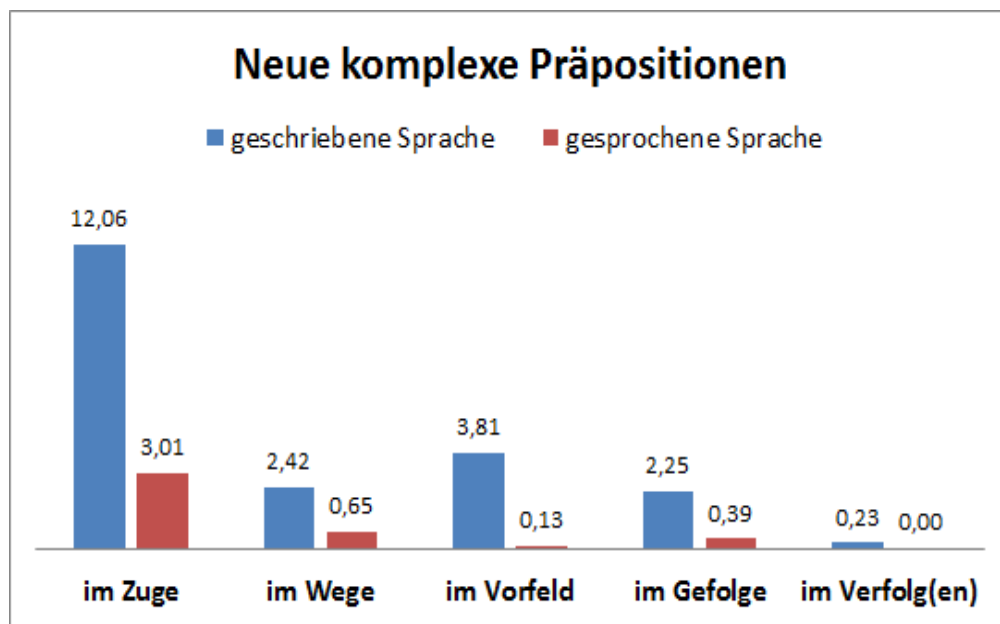


Abbildung 5: Häufigkeit der einzelnen neuen komplexen Präpositionen in den benutzten Korpora (Treffer / Million Wörter)

Diese zwei Diagramme zeigen für die vorliegende Arbeit wichtige Informationen auf. Zuerst kann man feststellen, dass nicht nur die neuen komplexen Präpositionen im Allgemeinen aber auch jede einzelne neue komplexe Präposition häufiger in der geschriebenen als in der gesprochenen Sprache vorkommt. Das Ausmaß dieses Häufigkeitsunterschiedes ist beachtenswert: die analysierten Präpositionen kommen ungefähr viermal häufiger in der geschriebenen Sprache vor. Das bringt wichtige theoretische Fragen auf, welche später behandelt werden.

Erwähnenswert ist auch, dass sowohl in der geschriebenen als auch in der gesprochenen Sprache *im Zuge* die frequenteste Präposition ist. In Bezug auf die zweitfrequentsten unterscheiden sich jedoch das mündliche und das schriftliche Register: während sich in der Schriftlichkeit *im Vorfeld* in dieser Position befindet, ist in der Mündlichkeit *im Wege* die zweitfrequentste neue komplexe Präposition. Die dritt- und viertfrequentsten Strukturen sind in der Schriftlichkeit *im Wege* bzw. *im Gefolge* (welche eine sehr ähnliche Häufigkeit aufweisen) und in der Mündlichkeit *im Gefolge* bzw. *im Vorfeld*. Der markanteste Häufigkeitsunterschied tritt bei *im Vorfeld* auf, die in der Korpora der gesprochenen Sprache äußerst selten vorkommt aber in der geschriebenen Sprache die zweitfrequentste Struktur ist. Worauf dieser Unterschied zurückzuführen ist, steht noch zur Frage.

Eine wichtige Information, die im Diagramm nicht beobachtbar ist aber in den Korpora verfügbar war, betrifft die Entstehungsdaten dieser neuen komplexen Präpositionen. Lehmann (1991) schätzt, sie sind ungefähr 1975 aufgetreten. Durch die vorliegende Korpusanalyse kann man jedoch feststellen, dass mindestens schon seit Anfang des 20. Jahrhunderts einige dieser komplexen Präpositionen in der geschriebenen Sprache verwendet werden. Im Kernkorpus findet man schon damals klare Fälle von *im Zuge*, *im Wege* und *im Gefolge*:

***Im Zuge** der Bemühungen der französischen Negierung zur Rettung des Seydouxschen Planes tauchte auch der Ergänzungsvorschlag auf, vorerst überhaupt nur ein paar Jahresraten festzulegen.*

(Vossische Zeitung (Abend-Ausgabe) 08.03.1921, 08.03.1921).

*(...) daß der Reichstag nicht in der Lage sei, Mehrausgaben in den Etat einzustellen, daß er diese vielmehr nur **im Wege** einer Resolution fordern könne (...)*

(Berliner Tageblatt (Morgen-Ausgabe) 15.02.1902, 15.02.1902).

*Und **im Gefolge** des Kriegs kam die Revolution, die eine Stadt nach der andern ergriff und die Parteien in wütendem Bürgerkrieg verzehrte.*

(Meyer, Eduard, Geschichte des Altertums Band V, Stuttgart: Cotta 1902, S. 21901).

Das mag auf andere komplexe Präpositionen nicht zutreffen, da sie ausgehend von den benutzten Korpora erst später Verwendung finden. Die ersten klaren Fälle von *im Vorfeld* mit zeitlicher Bedeutung kommen erst am Ende der 50er und Anfang der 60er Jahre vor:

*Zweitens, man wird » elastisch « verfahren müssen. Wir stehen **im Vorfeld einer** technischen Wende. In 25-40 Jahren sieht alles anders aus.*

(Klemperer, Victor, [Tagebuch] 1958, in: ders., So sitze ich denn zwischen allen Stühlen, Berlin: Aufbau-Verl. 1999).

*Daß die » Neue Musik « ein halbes Jh. lang **im Vorfeld** der Experimente verblieben ist, hat ihr das Nachleben erleichtert.*

(Blume, Friedrich, *Romantik*, in: *Die Musik in Geschichte und Gegenwart Band 11*, Kassel: Bärenreiter 1963, S. 64009).

In Bezug auf *im Verfolg* sind die Ergebnisse schwer nachzuvollziehen. Die ersten Fälle von dieser komplexen Präposition stammen vom Ende der 40er Jahre ab:

*Ohne näher darauf eingehen zu wollen; daß – Frankreichs Presse ihrer Regierung mangelnde Standfestigkeit **im Verfolg ihrer** Prinzipien nachsagt , muß – vom Interessenstandpunkt der Binnenwirtschaftler gesehen – die Haltung der Regierung in Wirtschaftsdingen unverständlich sein (...)*
(Die Zeit, 18.09.1947, Nr. 38).

***Im Verfolg dieses** Bestrebens gelangte er auf einen durch die lyrische Kunstauffassung der norddeutschen Romantiker gut vorbereiteten Boden*
(Die Zeit, 28.07.1949, Nr. 30)

Spärliche Treffer sind dann bis zum Anfang der 90er Jahre vorhanden, ab wann sie im Kernkorpus nicht mehr zu finden sind. In den 90er Jahren kommt *im Verfolg* im ZEIT-Korpus nur zweimal vor, und nach dem Jahr 2000 sind nur drei Treffer (2001, 2003 und 2011) zu finden. Diese Ergebnisse weisen darauf hin, dass die komplexe Präposition *im Verfolg* möglicherweise in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts aufgetreten sind, aber nur spärlich und für einen kurzen Zeitraum benutzt wurde, sodass sie zurzeit keine mehr Verwendung findet. Eine Suche nach dieser komplexen Präposition in der Database von Google Books⁶ bestätigt zum Teil diese chronologische Verteilung von *im Verfolg*:

⁶ <https://books.google.com/ngrams/>



Abbildung 6: Häufigkeit von „im Verfolg“ in der Google-Books-Database

Das Diagramm stellt dar, wie viele von allen 2-gram (d.h. Ausdrücke mit zwei Wörter, wie *im Verfolg*) in der Google Books Database Fälle von „im Verfolg“ sind⁷. Es stellt klar, dass zwischen 1930 und 1950 „im Verfolg“ frequenter benutzt wurde und seit damals ihre Verwendungshäufigkeit drastisch abgenommen hat, wie die Ergebnisse der Suche im Kernkorpus und im ZEIT-Korpus auch andeuten. Dieses Diagramm zeigt noch auf, dass zu einer früheren Zeit (ungefähr zwischen 1800 und 1850) diese neuen komplexen Präpositionen häufiger benutzt wurden, was wegen Zeitbeschränkungen in den anderen Korpora nicht beobachtbar war. Weitere Forschungen mit größeren Korpora sind nötig, diese Verteilung zu detaillieren und zu bestätigen oder zu widerlegen, aber die hier aufgewiesenen Ergebnisse weisen darauf hin, dass die Entstehung von *im Verfolg* möglicherweise nicht auf die letzten Jahrzehnte zurückzugehen mag, wie Lehmann (1991) behauptet, sondern auf den Anfang des 19. Jahrhunderts. Es soll jedoch darauf hingewiesen werden, dass, obwohl dieses aus der Google-Books-Database gebildete Diagramm sehr informativ ist, man es nicht als konklusiv auffassen soll. In den Suchergebnissen der geschriebenen Sprache wird *im Verfolg* in mehr als 90 Prozent der Treffer als komplexe Präposition benutzt, aber es lässt sich nicht prüfen, ob diese Verteilung auch im Google-Books-Korpus zu finden ist. Hier wurde davon ausgegangen, dass dieser Anteil gültig bleibt, um eine Analyse in Bezug auf die neuen komplexen

⁷ Für detaillierte Informationen in Bezug auf Ngram Viewer, siehe <https://books.google.com/ngrams/info>.

Präpositionen zu ermöglichen. Die Korpora der gesprochenen Sprache enthalten keinen Fall von *im Verfolg*.

Zum Schluss sieht man auch, dass *im Anschluss* nicht im Diagramm vorliegt. Das ist darauf zurückzuführen, dass in den benutzten Korpora diese Präposition immer gefolgt von der Präposition *an* gefunden wurde, d.h. *im Anschluss an*. Diese Form entspricht nicht der von Lehmann (1991) erwähnten Verwendung (*im Anschluss* + Nominalsyntaxagma im Genitiv) und weicht vom Muster der anderen berücksichtigten Präpositionen ab. Aus diesem Grund wurde sie in dieser Arbeit unbeachtet gelassen.

Obwohl angesichts der Ziele der vorliegenden Arbeit ein Diagramm, in dem man die Häufigkeit jeder komplexen Präposition zu verschiedenen Zeitpunkten sehen könnte, sehr wünschenswert wäre, kann ein solches im Moment wegen Rechenbeschränkungen leider nicht erstellt werden. Wie erklärt, wurden die neuen komplexen Präpositionen manuell gezählt, was ein solches Diagramm zu machen verhindert. Im Fall von *im Verfolg* war es möglich, nur weil es keine große Anzahl von Treffern mit adverbialer Verwendung gab (weniger als 10 Prozent), und man hat angenommen, dass für das Google-Books-Korpus diese Anteil auch wahr sind, damit hinsichtlich der Verwendung von *im Verfolg* als neue komplexe Präposition das Diagramm auch interpretiert werden kann. Bei *im Zuge* wäre das beispielsweise nicht möglich, da sich durch eine elektronische Suche die große Anzahl von adverbialen Verwendung (wenn *im Zuge* „in einem Zug“ / „in einer Bahn“ bedeutet) von der präpositionale Verwendung (mit der Bedeutung „während“) unterscheiden lässt.

Aus den Suchergebnissen im Kernkorpus wird auch bei einigen komplexen Präpositionen (z.B. *im Zuge*) ein interessanter Aspekt der Grammatikalisierungsprozesse beobachtbar. Der Ausdruck *im Zuge* bezeichnete ursprünglich ein ganz konkretes räumliches Szenario (d.h. das Innere eines Zuges) und wurde im Laufe der Zeit abstrakter verwendet, bis er zurzeit grammatikalisch anders benutzt wird (Adverbial → Präposition) und anstatt einer räumlichen eine zeitliche Beziehung (Raum → Zeit) bezeichnet. Wenn man im Kernkorpus die frühesten Treffer der komplexen Präposition *im Zuge* genauer betrachtet, ist es möglich, „Zwischenfälle“ zu identifizieren, d.h., Verwendungsbeispiele, wobei *im Zuge* schon als eine komplexe Präposition funktioniert, aber abstraktere räumliche Bedeutung aufweist. Diese Verwendung besteht in einer Zwischenphase des

Grammatikalisierungsprozess und kommt in jüngster Zeit in den Korpora nicht mehr vor:

*Von einem großen Brückenprojekt ähnlich der Millionenbrücke **im Zuge der** Swinemünderstraße, dessen Ausführung von der städtischen Tiefbaudeputation beschlossen sein sollte, wußte ein hiesiges Blatt zu berichten.*
(Berliner Tageblatt (Morgen-Ausgabe) 08.02.1906, 08.02.1906)

*Eine Hauptschwierigkeit, die in der Beschaffung einer Vorfluth vermittelt einer unterirdischen Leitung über unsere in Lichterfelde belegenen Strassen **im Zuge der** Carstenstrasse nach dem künftigen Teltowkanal bestand, wurde durch ein uns befriedigendes Abkommen mit der hiesigen Gemeinde vom 1. April 1901 endgiltig beseitigt .*
(Berliner Tageblatt (Abend-Ausgabe) 11.02.1902, 11.02.1902)

In anderen Fällen (wie z.B. bei *im Vorfeld*) ist durch die Korpusdateien dieser Entwicklungsprozess nicht klar beobachtbar. *Im Vorfeld* wird im Kernkorpus von 1917 (erster Treffer) bis 1946 nur als militärischer Fachbegriff benutzt (im Sinne von einem Gebiet vor einer militärischen Stellung). Dann kommt für mehr als 10 Jahre *im Vorfeld* nicht vor und 1958 findet man den ersten Fall, wo *im Vorfeld* zeitlich verwendet wurde.

*Zweitens, man wird » elastisch « verfahren müssen. Wir stehen **im Vorfeld einer** technischen Wende. In 25-40 Jahren sieht alles anders aus.*
(Klemperer, Victor, [Tagebuch] 1958, S. 693. Klemperer, Victor, [Tagebuch] 1958, in: ders., So sitze ich denn zwischen allen Stühlen, Berlin: Aufbau-Verl. 1999)

Von da an wird *im Vorfeld* in den Texten vom Kernkorpus ausschließlich zeitlich verwendet, ohne dass Zwischenfälle vorkommen, wo die Struktur räumlich aber abstrakter verwendet wird. Ausgehend vom Kernkorpus sieht es so aus, dass die Entwicklung von *im Vorfeld* ganz abrupt stattgefunden hat, was für Grammatikalisierungsprozesse nicht zu erwarten ist. Es wird angenommen, dass Grammatikalisierung ein graduelles Phänomenon ist, d.h. im Laufe der Zeit finden sequenziell kleine strukturelle Veränderungen statt und sie verbreiten sich graduell bei unterschiedlichen Registern, Textsorten und Sprechern (HOPPER und

TRAUGOTT, 2003, S. 232). Die erwähnten Veränderungen im Laufe der Zeit lassen sich im Fall von *im Vorfeld* nicht identifizieren. Hoffmann (2005) findet auch im Englischen Fälle von komplexen Präpositionen (z.B. *in accordance with, in contrast to, in support of*), die wahrscheinlich keine semantische Entwicklung im Laufe der Zeit aufgewiesen haben und abrupt vorgekommen sind.

Hoffmann (2005) begründet diese Fälle, indem er die Hypothese aufstellt, dass die Grammatikalisierung einiger komplexer Präpositionen in Analogie zu anderen schon grammatikalisierten komplexen Präpositionen stattfindet, sodass das Muster „in + Artikel + Substantiv“ zur Entstehung neuer komplexen Präpositionen benutzt wird, ohne dass die Strukturen jeden Grammatikalisierungsmechanismus durchmachen.

Forschungen mit größeren Korpora sind nötig, diese Hypothese zu bestätigen oder Dateien zu finden, die die graduelle semantische Entwicklung der behandelten Strukturen aufzeigen.

3.3 HÄUFIGKEIT DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN NACH TEXTSORTEN

Ausgehend vom Kernkorpus, das seine Texte in vier unterschiedlichen Textsorten klassifiziert, stellt das unten dargestellte Diagramm die Häufigkeit der neuen komplexen Präpositionen nach Textsorten dar.

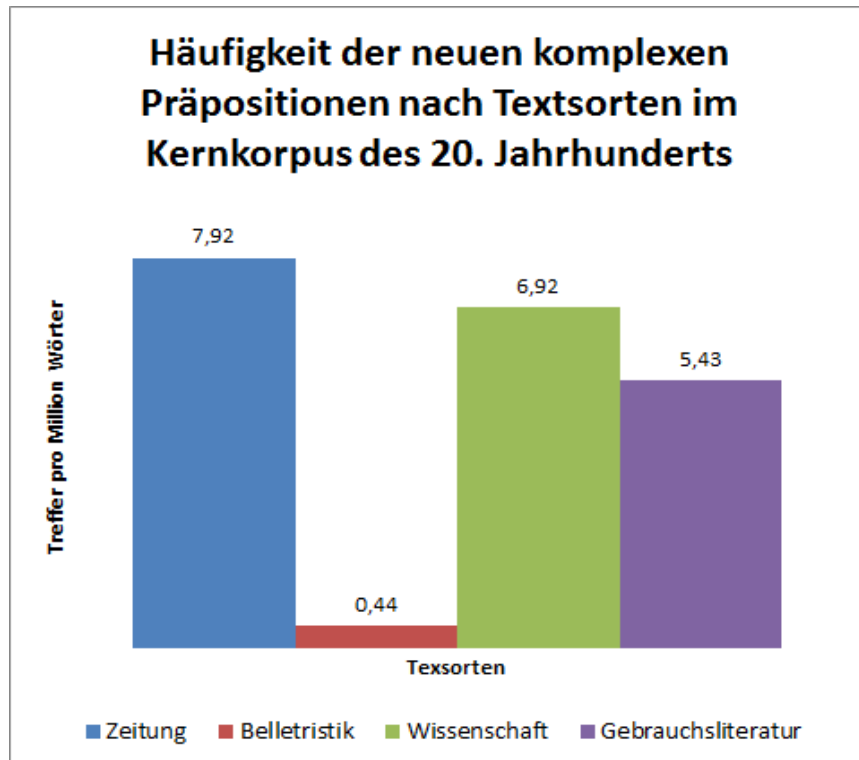


Abbildung 7: Häufigkeit der neuen komplexen Präpositionen nach Textsorten im Kernkorpus des 20. Jahrhunderts (Treffer / Million Wörter)

Das Diagramm zeigt auf, dass die neuen komplexen Präpositionen am häufigsten in Zeitungstexten vorkommen. In der Wissenschaftssprache und in der Gebrauchsliteratur kommen sie auch häufig vor, aber ein bisschen weniger als in Zeitungstexten. Der auffälligste Unterschied tritt auf, wenn ein Vergleich zwischen den erwähnten Textsorten und der Belletristik gezogen wird. Die Häufigkeit der analysierten komplexen Präpositionen ist in der Belletristik besonders niedrig.

Warum in der Belletristik diese Strukturen so selten vorkommen, bleibt jedoch eine Frage. In seiner Analyse von komplexen Präpositionen im Englischen vergleicht Hoffmann (2005) die Häufigkeit der 30 häufigsten PNP-Komplexpräpositionen (Präposition + Nominalsyntax + Präposition) im „British National Corpus“⁸ nach bestimmten „text domains“ und findet ähnliche Ergebnisse⁹. Das entsprechende Diagramm wird hier dargestellt:

⁸ Zugänglich durch die Webseite: <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>

⁹ Da die vorliegende Arbeit nicht als Ziel hat, sich mit Textsorten auseinanderzusetzen, wird die Kategorisierung der Texte im Kernkorpus (Wissenschaft, Belletristik, Zeitung und Gebrauchsliteratur) nicht kritisch und detailliert behandelt. Die Kategorisierung vom Kernkorpus wird einfach angenommen, um zum ersten Mal generelle Tendenzen in Bezug auf die Verteilung der neuen komplexen Präpositionen in Textsorten im Deutschen zu identifizieren.

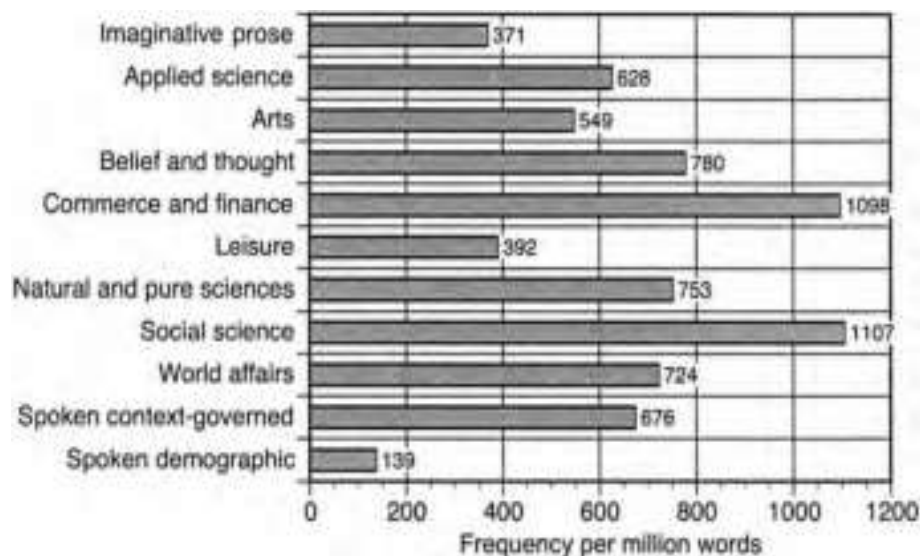


Abbildung 8: Verteilung der 30 häufigsten englischen komplexen Präpositionen nach Textdomäne im BNC-Korpus

Unter der geschriebenen Sprache kommen am seltensten die von Hoffmann (2005) berücksichtigten englischen komplexen Präpositionen im Textbereich „Imaginative prose“ vor, der am besten der Textsorte „Belletristik“ des Kernkorpus entspricht. Hoffmann (2002) hat auch diachronisch die Häufigkeit von 275 englischen PNP-Konstruktionen in der Belletristik und in Sachbücher („fiction and non-fiction“) analysiert. Seine Ergebnisse weisen darauf hin, dass während in der Belletristik die Häufigkeit der berücksichtigten englischen PNP-Komplexpräpositionen abgenommen hat, in Sachbücher sie beträchtlich gestiegen ist:

Using this diachronic approach, I observed that the frequency of PNP-constructions in fictional texts gradually decreased over time. Conversely, for the category ‘Non-fiction’, my data suggested an opposite trend: in comparison with the earlier Gutenberg texts, the non-fiction texts in the BNC (i.e. the texts belonging to the eight domains of ‘Informative prose’) were found to exhibit more than a two-fold increase in the frequency of complex prepositions. (HOFFMANN, 2005, S. 98)

Die Schlussfolgerungen des Autors, die in Anbetracht des obengezeigten Diagramms auch für die deutsche Sprache gültig sein mag, ist, dass „on the whole, informative texts are far more likely to contain the constructions under investigation“ (ebd.). Weitere Untersuchungen mit größeren und detailliert annotierten Korpora sind nötig, um die vom Kernkorpus ausgehend gezogenen Schlussfolgerung zu bestätigen, aber diese erste Untersuchung im Deutschen weist tatsächlich darauf hin, dass auch im Deutschen informative Texte dazu tendieren, die hier behandelten

neuen komplexen Präpositionen zu beinhalten, während in der Belletristik diese Strukturen viel seltener vorkommen.

Auf die Frage, warum die komplexen Präpositionen tendenziell häufiger in informativen Texten vorkommen, gibt es keine konsensuelle Antwort. In seiner schon erwähnten Studie in Bezug auf PNP-Konstruktionen im Englischen stellt Hoffmann (2002) die folgende Hypothese auf, um die steigende Häufigkeit dieser Konstruktionen in informativen Texten zu erklären:

The 17th and 18th centuries mark the beginning of an immense advancement in the sciences. Imitation of the classics goes out of fashion and a clearer, more scientific style emerges that places great emphasis on clarity and precision. It seems highly probable that this could have an influence on the use of complex prepositions. (HOFFMANN, 2002, S. 134).

Die Hypothese von Hoffmann (2002) hat zur Voraussetzung, dass die PNP-Konstruktionen im Englischen klarere und präzisere Ausdrucksweisen sind und deswegen in komplexeren Kontexten bevorzugt werden. Ob man z.B. die PNP-Konstruktion „in favour of“ oder „for“ benutzt, würde größtenteils von der Komplexität des Verwendungskontextes abhängen. Dazu schreibt er:

(...) this choice [„in favor of“ oder „for“] is likely to be influenced by the level of cognitive complexity presented by the usage context. The longer and more expressive complex prepositions would consequently lend themselves better to use in cognitively more demanding contexts that are more likely to occur in formal situations of language use. (HOFFMANN, 2005, S. 102).

Wie schon erwähnt unterscheiden sich im Deutschen die neuen komplexen Präpositionen von anderen Präpositionen, indem sie leicht unterschiedliche, präzisere und begrenztere Bedeutung aufweisen, sodass *während* und *im Zuge*, *durch* und *im Wege*, *nach* und *im Gefolge* usw. nicht in allen Kontexten gegenseitig austauschbar sind. Da in Bezug auf die präzisere Bedeutung und die Häufigkeit nach Textsorten die von Hoffmann (2005) behandelten englischen PNP-Konstruktionen und die deutschen neuen komplexen Präpositionen Ähnlichkeiten aufweisen, mag es zutreffen, dass die oben erwähnte Hypothese auch für die deutschen neuen komplexen Präpositionen gültig ist. Detailliertere Untersuchungen mit größeren Korpora und Fallstudien, die ausführlich die Verwendungskontexte von bestimmten Strukturen im Deutschen analysieren, sind von großer Wichtigkeit, um die gezeigte Verteilung der komplexen Präpositionen nach Textsorten aufzuklären.

3.4 ZUSAMMENFASSUNG DER ERGEBNISSE

Die Ergebnisse werden hier zusammengefasst, um einen Überblick über die interessantesten Resultate zu geben und die davon abgeleiteten Fragen detaillierter zu behandeln.

Die erste Feststellung infolge der Suche nach den neuen komplexen Präpositionen in Korpora der gesprochenen und geschriebenen Sprache ist, dass die behandelten Strukturen am meisten in der geschriebenen Sprache vorhanden sind. Während die geschriebene Sprache wegen ihrer Regelung durch Grammatiken und Wörterbücher stabiler ist, ist die gesprochene Sprache flüssiger und unterliegt konstant Veränderungen und Innovationen. Da es um relativ neue Strukturen geht, wäre zu erwarten, dass sie am meisten in der gesprochenen Sprache verwendet würden.

Wie gesehen trifft dies jedoch auf die deutschen neuen komplexen Präpositionen nicht zu. Bezüglich der Gründe, warum sie anscheinend ein Phänomen der geschriebenen Sprache sind, kann man Hypothesen aufstellen. Eine mögliche Erklärung ist, dass diese komplexen Präpositionen, wie schon erwähnt, eine sehr spezifische Bedeutung aufweisen, die sie ganz leicht von anderen deutschen Präpositionen (*während, vor, nach, durch* usw.) unterscheidet. Die Entstehung eines so spezifischen funktionalen Elementes würde höchstwahrscheinlich in der geschriebenen Sprache stattfinden, wenn man in Betracht zieht, dass im Allgemeinen das Geschriebene den Bedingungen der Zeit nicht bzw. weniger unterliegt und „nicht an eine gemeinsame Äußerungssituation gebunden (ist)“ (DÜRSCHIED, 2002, S. 29)¹⁰. Das heißt, beim Geschriebenen befindet man sich nicht in einem unmittelbaren Gespräch, sodass man sich nicht augenblicklich äußern muss. Das kann die Verwendung spezifischerer Strukturen (nicht nur bezüglich der Lexik aber auch der Syntax) und die Entstehung dieser Strukturen in der geschriebenen Sprache begünstigen.

10 Für eine kritische Auseinandersetzung mit dem Thema, siehe Dürscheid (2002), wo die Autorin die prototypischen Merkmale gesprochener und geschriebener Sprache kritisch behandelt und zeigt, dass sie nicht für alle Kontexte zutreffen.

Durch die Suche nach den neuen komplexen Präpositionen in den Korpora konnte man auch feststellen, dass die Mehrheit der analysierten komplexen Präpositionen nicht so neu ist und schon früher verwendet wurden, als Lehmann (1991) vermutete:

- *im Wege*, *im Gefolge* und *im Zuge* sind schon am Anfang des 20. Jahrhunderts als komplexe Präpositionen im Kernkorpus vorhanden;
- *im Vorfeld* ist wahrscheinlich die neueste Konstruktion und kommt 1958 zum ersten Mal im Kernkorpus vor;
- *im Verfolg* hat eine gewundene Entwicklungsgeschichte, zurzeit kommt diese Präposition sehr selten vor, aber sie wurde anscheinend in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts frequenter benutzt;
- *im Anschluss* wird immer von der Präposition *an* gefolgt, d. h., *im Anschluss an*.

Des Weiteren war es möglich, durch die Kategorisierung vom Kernkorpus die Verteilung der analysierten neuen komplexen Präpositionen in Textsorten zu konstatieren. Wenn die Textsorten Zeitung, Belletristik, Wissenschaft und Gebrauchsliteratur in Betracht gezogen werden, kommen die behandelten komplexen Präpositionen am häufigsten in Zeitungs- und Wissenschaftstexten und am seltensten in der Belletristik vor. Aus diesen Resultaten zeigt sich die Tendenz, dass diese Strukturen häufiger in informativen Texten vorkommen, wie Hoffmann (2005) auch für die englische Sprache festgestellt hat. Warum die Belletristik im Vergleich zu den anderen Textsorten eine äußerst niedrige Häufigkeit dieser Strukturen aufweist, bleibt jedoch eine Frage.

3.5 ANALYSE DES STATUS DER NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN ANHAND VON KORPORADATEIEN

In diesem Unterkapitel wird der Status der neuen komplexen Präpositionen als echte Präpositionen durch die Dateien von den Korpora der geschriebenen Sprache näher analysiert. Die im Unterkapitel 1.1 erwähnten Eigenschaften, die den Status der analysierten Konstruktionen als echte präpositionelle Einheiten

begründen, werden in den Korpora wenn möglich bestätigt oder widerlegt, sodass man anhand authentischer Dateien eine Vorstellung davon bekommt, inwieweit die neuen komplexen Präposition als präpositionelle Einheiten verwendet werden.

Koordination

Die erste erwähnte Eigenschaft, die darauf hinweist, dass diese Strukturen echte Präpositionen sind, bezieht sich auf die Tatsache, dass sie mit anderen schon etablierten Präpositionen koordiniert werden können oder andere Präpositionen ersetzen können. Während die Ersetzung schwer in den Korpora analysierbar wäre, ist die Koordination durch eine elektronische Suche in den Korpora einfacher identifizierbar. Durch die Anfrage „im Vorfeld und \$p=APPR“ kann man im DWDS-Korpus Fälle finden, wo *im Vorfeld* durch die Konjunktion *und* mit anderen temporalen Präpositionen koordiniert wird:

***Im Vorfeld und während** der Spiele wurden Dissidenten verfolgt.* (Die Zeit, 21.02.2011)

*„Alle 452 Tests, die die FIFA **im Vorfeld und während** der WM durchgeführt hat, waren negativ“, sagte Dvorak.* (Die Zeit, 27.06.2010)

*Der Film verwebt zwei Erzählstränge: zum einen die entscheidenden Ereignisse **im Vorfeld und nach** der Invasion des Iraks in den Jahren 2002/03, zum anderen (...)* (Die Zeit, 27.10.2008)

*Beide machten **im Vorfeld und auf** dem Berliner Parteitag eine unglückliche Figur.* (Die Zeit, 18.05.2009)

Analogisch kann man auf verschiedene Weise die anderen neuen komplexen Präpositionen mit dem Tag \$p=APPR kombinieren, um Fälle zu identifizieren, wo sie mit anderen Präpositionen koordiniert werden. Keine Fälle wurden gefunden, wo *im Verfolg*, *im Wege* und *im Zuge* mit anderen Präpositionen koordiniert werden. Bei *im Gefolge* wurde nur ein Fall von Koordination gefunden:

*Nachdem sich die Jungsozialisten während ihres Münchner Kongresses 1969 entschlossen hatten, **im Gefolge und auf der** Woge der außerparlamentarischen Protestbewegung die Gesellschaft zu ändern, (...)* (Die Zeit, 01.04.1977)

Bei *im Vorfeld* bekommt man andererseits mehr Treffer. In den Korpora wurden 17 Fälle gefunden, bei denen *im Vorfeld* durch die Konjunktion *und* mit den Präpositionen *während*, *nach* und *auf* koordiniert wird (siehe obenerwähnte Beispiele). Außerdem wurde auch ein Fall gefunden, wo *im Vorfeld* durch die Konjunktion *oder* mit der Präposition *während* koordiniert wird:

*Nachrichten wie von Timoschenkos Berufungsverfahren, bei dem eine Richterin 11.000 Seiten in einer Nacht bewertete und die Verurteilung im Eiltempo bestätigte, will man **im Vorfeld oder während** der EM um jeden Preis vermeiden.* (Die Zeit, 25.06.2012)

Insgesamt betrachtet lässt sich feststellen, dass anhand der benutzten Korpora die neuen komplexen Präpositionen nicht häufig mit anderen Präpositionen koordiniert werden. Der Fall von *im Vorfeld* bildet vielleicht eine Ausnahme, indem einige Fälle von Koordination gefunden wurden. Bemerkenswert ist, dass die absolute Mehrheit der Fälle (17 von 18), wo *im Vorfeld* mit anderen Präpositionen koordiniert wird, auf die letzten 15 Jahre (von 2002 bis 2013) zurückgehen. Die Abwesenheit von Treffern bei fast allen neuen komplexen Präpositionen und die Tatsache, dass *im Vorfeld* nur in den vergangenen Jahren mit anderen Präpositionen koordiniert wurde, können darauf hindeuten, dass diese Konstruktionen erst in jüngster Zeit einen höheren Grammatikalisierungsgrad erreicht haben, sodass sie mit anderen Präpositionen koordiniert werden können.

Konservierung der alten Flexionsform des Dativs

Wie Szczepaniak (2011) feststellt, konservieren einige der neuen komplexen Präpositionen (*im Zuge* und *im Wege*) noch die alte Flexionsform des Dativs -e,

obwohl in anderen Kontexten diese Flexion nicht mehr zu finden ist. Diese Eigenschaft zeigt die Festigkeit dieser Konstruktionen auf und unterstützt die Interpretation dieser Strukturen als präpositionelle Einheiten.

Durch eine systematische Suche in den benutzten Korpora werden die An- und Abwesenheit dieser Flexionsform in Bezug auf die adverbiale und präpositionale Verwendung der Strukturen analysiert. Durch eine Suche nach *im Zuge* und *im Wege* (mit dem Suffix -e) lässt sich deutlich bemerken, dass diese Strukturen sich in unterschiedlichen Situationen befinden. Bei *im Zuge* entspricht die absolute Mehrheit der Fälle der präpositionalen Verwendung des Ausdrucks: von 7295 Fällen von *im Zuge* in den Korpora bestehen 6659 Fälle (d.h. 91%) in präpositionaler Verwendung. Es gibt nur spärliche Fälle, wo *im Zuge* adverbial verwendet wird und die Flexionsform des Dativs konserviert:

Im Zuge befinden sich einige französische Soldaten, die nach Wien zum Besetzen fahren. (Die Zeit, 08.09.2013)

Das heißt, die Verwendung von *im Zuge* (mit dem Suffix -e) beschränkt sich stark (aber nicht exklusiv) auf die präpositionale Verwendung. Diese Tendenz wird bestätigt, wenn man in den Korpora eine Suche nach *im Zug* (ohne das Dativflexionsform -e) durchführt. Insgesamt wurden in den Korpora 1644 Fälle von *im Zug* gefunden, aber nur 103 dieser Fälle (d.h. 6%) in präpositionaler Verwendung, wie z.B.:

Im Zug der Massendemonstrationen hatten die sogenannten Rothemden unter anderem Blut vor dem Parlamentsgebäude ausgegossen, um so eine Auflösung des Kabinetts zu fordern. (Die Zeit, 12.04.2010)

Trotz spärlicher Ausnahmen lässt sich bei *im Zug(e)* eine klare Unterscheidung zwischen der adverbialen und der präpositionalen Verwendung identifizieren, da in der geschriebenen Sprache die Variante mit dem Dativsuffix -e (*im Zuge*) fast exklusiv als eine komplexe Präposition verwendet wird, während sich die Variante ohne das Dativsuffix -e (*im Zug*) auf die adverbiale Verwendung beschränkt. Diese deutliche Unterscheidung in der Orthographie plädiert für den Status dieser Strukturen als feste präpositionale Einheiten.

Bei *im Wege* ist diese Unterscheidung wahrscheinlich nicht eindeutig. Die Variante ohne das Dativsuffix *-e* (*im Weg*) ist auch bevorzugt, wenn es um adverbiale Verwendung geht. In den Korpora findet man 1527 Fälle von *im Weg*, von denen nur 20 Fälle (d.h. 1,3%) in präpositionaler Verwendung bestehen. Das heißt, in der Regel benutzt man diese Struktur ohne das Dativsuffix als Präposition nicht, obwohl sehr seltene Ausnahmen zu finden sind:

*Aber sie wollen sie nicht mit einer Stemmeisen-Operation erreichen, bei der Kohl und die Bundesregierung notwendig Schaden erleiden müßten, sondern **im Weg eines Kompromisses**.* (Die Zeit, 26.08.1983)

Bei der Variante mit dem Dativsuffix (*im Wege*) ist es andererseits schwieriger, die Verteilung zu analysieren. Von den 5288 in den Korpora gefundenen Fällen von *im Wege* sind 1253 (d.h. 24%) Fälle von präpositionaler Verwendung. Das heißt, es gibt keine klare Tendenz, dass sich die Verwendung der Dativsuffix konservierenden Variante auf die präpositionale Verwendung beschränkt. Von dieser Analyse aus würde die Schlussfolgerung gezogen, dass bei *im Wege* die alte Flexionsform des Dativs in unterschiedlichen Kontexten (und nicht nur in festen Ausdrücken) konserviert würde. Wenn man andererseits die Resultate der Suche in den Korpora näher betrachtet, trifft dieser Schluss nicht zu.

Auch wenn man die Resultate der Suche nach *im Weg(e)* flüchtig durchsieht, ist es klar bemerkbar, dass eine große Anzahl der Resultaten in Fällen von den Ausdrücken *im Weg(e) stehen / sein* besteht. Wievielmals genau diese Ausdrücke in den Korpora vorkommen, ist schwer bestimmbar, da dazu die Fälle manuell gezählt werden sollten. Durch die Suchmechanismen der DWDS-Webseite ist es jedoch möglich, diese Anzahl mit angemessener Genauigkeit abzuschätzen. Die zwei folgenden Suchanfragen wurden benutzt, um die Fälle vom Ausdruck „im Wege stehen“ in den Korpora zu bekommen¹¹:

„stehen #15 im @Wege“

„im @Wege #1 stehen“

¹¹ *Um Resultate in Bezug auf die Variante ohne das Dativsuffix zu bekommen, wird @Weg anstelle von @Wege benutzt.

Durch die erste Suchanfrage soll man alle Fälle bekommen, wo das Verb *stehen* (in allen möglichen Formen) und der Ausdruck *im Wege* (mit dem Dativsuffix -e) in dieser Reihenfolge im Abstand von maximal 15 Wörtern dazwischen vorkommen. Im Abstand von genau 15 Wörtern bekommt man 22 Resultate, von denen nur zwei (9%) nicht Fälle von *im Wege stehen* sind. Bei einem Abstand von 16 Wörtern bekommt man 19 Fälle, von denen 5 Fälle nicht Fälle von *im Wege stehen* sind. Bei einem Abstand von 17 Wörtern bekommt man nur 8 Sätze als Resultate. Da bei einem Abstand von 16 Wörtern mehr als 25% der resultierenden Fälle dem Ausdruck *im Wege stehen* nicht entsprechen und bei einem Abstand von 17 Wörtern die Anzahl von Fällen auf weniger als die Hälfte vermindert wird, wurde der Abstand von 15 Wörtern für angemessener gehalten. Wenn man annimmt, dass je kleiner der Abstand desto präziser das Resultat ist, sollen die durch diese Anfragen erhaltenen Resultate mit einem schmalen Fehlerbereich (viel weniger als 9%) die reale Anzahl von den gesuchten Ausdrücken in den Korpora darstellen. Beispiele von durch die erste Suchanfrage bekommenen Sätzen sind:

*Nach Kochs voraussichtlichem Erfolg in Hessen **steht** einer direkten Konfrontation mit Angela Merkel um die Vorherrschaft in der Union zwar nichts mehr **im Wege**.* (Die Zeit, 10.02.2003)

*Der finanziell defensive Ansatz **steht** dem Ehrgeiz nicht **im Wege**.* (Die Zeit, 24.08.2014)

Durch die zweite Suchanfrage soll man alle Fälle bekommen, wo der Ausdruck *im Wege* (mit dem Dativsuffix -e) und das Verb *stehen* (in allen möglichen Formen) in dieser Reihenfolge im Abstand von maximal einem Wort vorkommen. Diese Anfragen sollen die Fälle finden, wo die Ausdrücke in Nebensätzen oder Infinitivsätzen vorkommen, z.B.:

*Damit dürfte einem Einsatz des 31 Jahre alten Mittelfeldregisseurs am Sonntag (17.30 Uhr) im Nordderby bei Hannover 96 nichts **im Wege stehen**.* (Die Zeit, 09.09.2014)

„Das Unternehmen wird weiter expandieren, bis Jeff Bezos abtritt oder niemand mehr da ist, um ihm **im Wege** zu **stehen**“, resümiert Brad Stone. (Die Zeit, 14.02.2013)

| | präpositional | im Weg(e) stehen | adverbial | insgesamt |
|----------------|---------------|------------------|-------------|-----------|
| im Weg | 20 (1,3%) | 1126 (74%) | 381 (24,7%) | 1527 |
| im Wege | 1253 (24%) | 3224 (61%) | 811 (15%) | 5288 |

Abbildung 9: Verteilung der Verwendungen „im Weg(e)“ in den Korpora der geschriebenen Sprache

Das oben gezeigte Diagramm fasst zusammen, wie sich die Treffer von *im Weg(e)* in den Korpora verteilen. Zuerst soll darauf hingewiesen werden, dass *im Weg(e)* (mit und ohne das Dativsuffix -e) am meisten im Ausdruck *im Weg(e) stehen* verwendet wird. Abgesehen davon, ob dieser Ausdruck als Redewendung betrachtet werden soll, ist zu bemerken, dass er in den meisten Fällen die Flexionsform des Dativs -e konserviert, was auf einen gewissen Festigkeitsgrad hindeutet.

Bei der Variante ohne das Dativsuffix lässt sich betrachten, wie schon genannt, dass *im Weg* tendenziell im Ausdruck *im Weg stehen* oder adverbial verwendet wird, da es nur spärliche Beispiele von präpositionaler Verwendung dieser Variante gibt. Bei der Variante mit dem Dativsuffix lässt sich bemerken, dass die präpositionale Verwendung mit dem Ausdruck *im Wege stehen* konkurrieren, aber dieser Ausdruck besteht trotzdem in der häufigsten Verwendung von *im Wege*.

Es soll erwähnt werden, dass es unter der adverbialen Verwendung von beiden Varianten viele Fälle vom Ausdruck *im Weg(e) sein* (mit derselben Bedeutung von *im Wege stehen*, d.h., „stören“, „ein Hindernis darstellen“, „behindern“) zu finden sind. Das wurde in die Kategorie von *im Wege stehen* nicht einbezogen, da wegen der großen Häufigkeit des Verbs *sein* die erste Suchanfrage zu ungenau wäre, die Anzahl von *im Weg(e) sein* zu bestimmen. Durch das Muster der zweiten Suchanfrage, die unabhängig vom Verb auf präziser Weise funktioniert, findet man 101 Fälle der Variante ohne das Dativsuffix (*im Weg sein*) und 167 Fälle der Variante mit dem Dativsuffix (*im Wege sein*), welche schon mehr als 22% der adverbialen Fälle einschließen. Die folgenden Sätze sind Beispiele dieser Fälle:

*Anschließend wird der Schatz in der Banco Transatlantico deponiert, um ihn, so Konrad, „für einen Verkauf disponibel zu halten“. In Deutschland wäre dabei das Kulturgüterschutzgesetz **im Weg gewesen**. (Die Zeit, 28.01.2013)*

*Glos hatte am Samstag in einem Brief an den CSU-Vorsitzenden völlig überraschend um seine Entlassung gebeten. Als Grund gab der 64-Jährige sein Alter an, er wolle der personellen Erneuerung der CSU nicht **im Wege sein**. (Die Zeit, 16.02.2009)*

Wenn die Fälle, wo *im Weg(e) sein* in Hauptsätzen verwendet wird, auf automatische Weise gezählt werden könnten, wäre die aufgewiesene Verteilung noch polarisierter, indem *im Weg(e) stehen / sein* möglicherweise mehr als $\frac{3}{4}$ der Verwendung von *im Weg(e)* umfassen würde. Da der Zweck dieses Unterkapitels nicht die quantitative Analyse dieses Ausdrucks ist, sondern die Analyse des Status der neuen komplexen Präpositionen als präpositionale Einheiten anhand von authentischen Dateien aus den benutzten Korpora, wird dieses Problem nicht behandelt.

In Bezug auf den Status von *im Wege* lässt sich sagen, dass die oben gezeigten Dateien dafür plädieren, dass *im Wege* als eine präpositionale Einheit berücksichtigt werden soll. Obwohl die Verwendung der Variante mit dem Dativsuffix -e am meisten nicht präpositional ist, kann man klar bestätigen, dass die präpositionale Verwendung fast exklusiv mit der Dativsuffix konservierenden Variante stattfindet, was auf einen höheren Festigkeitsgrad hindeutet.

Zusammenfassend lässt sich sagen, dass die Konservierung der alten Flexionsform des Dativs -e als ein Merkmal der neuen komplexen Präpositionen *im Wege* und *im Zuge* auch in authentischen Texten bestätigt wurde. Diese Strukturen sind nur ausnahmsweise ohne das Dativsuffix -e verwendet, wie die Resultate der Suchen in den Korpora aufgezeigt haben. Von den 8035 Fällen, wo *im Zug(e)* und *im Weg(e)* präpositional verwendet werden, wurden sie nur in 123 Fällen ohne das Dativsuffix verwendet, was weniger als 2% der Fälle darstellt.

Unmodifizierbare nominale Bestandteile

Eine andere Eigenschaft, die die Festigkeit der komplexen Präpositionen aufzeigt und dafür plädiert, dass sie als Präpositionen analysiert werden sollen, bezieht sich auf die Unmodifiziertheit dieser Strukturen. Wie schon erklärt, sind die nominalen Bestandteile dieser Strukturen weder durch ein Adjektiv nicht modifizierbar noch in den Plural flektierbar. Das heißt, wenn es um die präpositionale Verwendung dieser Strukturen geht, sind Konstruktionen wie **im schnellen Zuge des Spiels* oder **im langen Vorfeld der Vorlesung*, sowie **in Zügen der Revolution* nicht möglich.

Hier wird analysiert, ob diese Eigenschaft in den authentischen Texten der Korpora bestätigt wird. Dazu wird das folgende Muster von Suchanfrage benutzt:

„im \$p=ADJA Zuge“

„in @Zügen“

Durch die ersten Suchanfragen soll man alle Fälle in den Korpora bekommen, wo die Struktur „im + Adjektiv + Zug(e)“ benutzt wird. Dasselbe Muster wird für alle neue komplexe Präpositionen benutzt, d.h., *Zuge* wird in der Suchanfrage auch durch *Wege*, *Vorfeld* und *Gefolge* ersetzt. Durch die letzte Suchanfrage soll man alle Fälle von *in Zügen* in den Korpora bekommen. Analogisch wird auch die Pluralform der nominalen Bestandteile der anderen komplexen Präpositionen benutzt.

Für die erste Suchanfrage bekommt man 483 Fälle. Es gibt keine klaren Fälle, wo *im Zuge* durch ein Adjektiv modifiziert und als Präposition verwendet wird. Jedoch kann man in den Korpora die folgenden drei zweifelhaften Fälle finden, in dem die Struktur „im + Adjektiv + Zug(e)“ wahrscheinlich mit zeitlicher Bedeutung verwendet wird.

*Sein Roman verspricht Nachrichten aus der Berliner Szene-Prominenz , Brühwarmes aus der geeinten Stadt **im kalten Zug** der neuen Zeit.* (Die Zeit, 18.03.1994)

***Im letzten Zug** des Wiederaufbaus, der manche Städte erst wirklich zerstörte, soll nun auch die Kunst zementiert werden.* (Die Zeit, 01.07.1983)

*In Deutschland dagegen verlor der Protestantismus **im allgemeinen Zuge** der Verweltlichung seine konfessionelle Festigkeit, überdauerte diesen Verlust aber in einer eigentümlichen weltfrommen Haltung, die nach weltanschaulichem Ausdruck ringt.* (Plessner, Helmuth, Das Schicksal deutschen Geistes im Ausgang seiner bürgerlichen Epoche, Zürich: Niehans 1935, S. 62)

Auch wenn diese Fälle als präpositionale Verwendung berücksichtigt werden, repräsentieren sie weniger als 1% der resultierenden Fälle. Am meisten findet man Fälle, wo die Struktur im wörtlichen Sinne verwendet wird, um einen konkreten Zug zu denotieren, oder metaphorisch im Ausdruck „im selben / gleichen Zug(e)“ im Sinne von „gleichzeitig“ vorkommt.

*Und als ich auf dem richtigen Sitzplatz **im richtigen Zug** saß und hörte, dass wir tatsächlich nach München unterwegs waren – o Mann , war ich erleichtert.* (Die Zeit, 05.08.2013)

*Wir können nämlich die Existenz von politischen Ämtern oder Eigentum nicht performativ deklarieren, ohne **im gleichen Zug** Rechte und Pflichten zu akzeptieren , die logisch aus dem gründenden Sprechakt hervorgehen.* (Die Zeit, 03.08.2012)

Ähnlicherweise findet man fast keine Fälle von präpositionaler Verwendung, wenn das Muster der ersten Suchanfrage mit *im Vorfeld* benutzt wird. Für diese Suchanfrage bekommt man 68 Fälle als Resultat, und nur in zwei Fällen (weniger als 3%) bestätigt man eine präpositionale Verwendung und scheint eine zeitliche Interpretation der Struktur „im + Adjektiv(e) + Vorfeld“ möglich:

*Meist sind es Überlegungen, die **im zeitlichen Vorfeld** solcher Planungen getroffen und in die Entscheidung frühzeitig mit eingebaut werden müssen.* (Die Zeit, 21.03.1969)

*Das Abtreibungsverbot wurde aber trotz sehr unterschiedlicher Rechtsfolgen ohne irgendwelche Zeit- oder Datumsangaben geregelt! Ähnlich unpräzise wurde die Tötung einer Leibesfrucht **im zeitlichen Vorfeld** der zu erwartenden Geburt bereits als Kindsmord qualifiziert.* (Die Zeit, 15.03.1991)

Bei der Struktur „im + Adjektiv + Gefolge“ bekommt man 15 Fälle, von denen eine relativ große Anzahl (4 Fälle, d.h., mehr als 25%) wie eine komplexe Präposition funktionieren und zeitliche Interpretationen ermöglicht. Beispiele davon sind die folgenden Sätze:

***Im unmittelbaren Gefolge** der Katastrophe wurde deutlich, aus welcher Motivation heraus hier Ausländer leben.* (Die Zeit, 11.04.2011)

*Der Spiegel nannte ihn, in jener Übergangszeit, da er die Sexualität abfeierte, **im späten Gefolge** der Studentenrevolution 1968 – einen „Pornosophen“.* (Die Zeit, 03.05.1991)

Bei der Struktur „im + Adjektiv + Weg(e)“ bekommt man 49 Fälle, von denen nur der folgende Fall eine instrumentale Bedeutung wie die komplexe Präposition *im Wege* wahrscheinlich aufweisen kann:

*(...) SU sieht auch das Problem, daß politische Entwicklung bei den mittel- und osteuropäischen Verbündeten den möglichen Ergebnissen einer konventionellen Abrüstungsvereinbarung in Wien vorausseilen, d.h., daß ihre Truppenpräsenz in Frage gestellt werden könnte, bevor sie **im gesichtswahrenden Weg** einer Abrüstungsvereinbarung reduziert werden könnte.* (Nr. 94B: Drei Westalliierte und Sowjetunion zur deutschen Frage vom 17. November 1989, in: Deutsche Einheit, Berlin: Directmedia Publ. 2000, S. 1562)

Durch diese Resultate lässt sich feststellen, dass bis auf sehr seltene und manchmal zweifelhafte Ausnahmen die neuen komplexen Präpositionen durch ein Adjektiv nicht modifiziert werden und in authentischen Texten als feste Einheiten verwendet werden. *Im Gefolge* wird jedoch öfter mit einem modifizierenden Adjektiv verwendet, was darauf hinweist, dass diese komplexe Präposition weniger grammatikalisiert als die anderen analysierten Strukturen ist.

In Bezug auf die Pluralform sind die Dateien noch einstimmiger. In den Korpora findet man keine Fälle von *in Vorfelder(n)* und *in Gefolgen*. Bei *in Wegen* bekommt man nur zwei Fälle, wo die Struktur adverbial verwendet wird. Bei *in Zügen*

bekommt man 172 Fälle, von denen keiner in präpositionaler Verwendung verwendet besteht.

Die Unmodifiziertheit der neuen komplexen Präpositionen wird durch die gezeigten Korpusbelege bestätigt, indem sie mit Ausnahme von *im Gefolge* in fast allen Fällen, wo diese Strukturen in den authentischen Texten der Korpora vorkommen, unmodifiziert benutzt werden.

Feste präpositionale Einheiten oder freie Konstruktionen?

In diesem Unterkapitel wurde eine systematische Suche in den Korpora durchgeführt, um die von Szczepaniak (2011) erwähnte Eigenschaften zu identifizieren, die die neuen komplexen Präpositionen als feste präpositionale Einheiten kennzeichnen. Die An- oder Abwesenheit dieser Eigenschaften in der realen Verwendung der behandelten Strukturen soll ans Licht bringen, wie sie in der Wirklichkeit der geschriebenen Sprache benutzt werden.

Zusammenfassend lässt sich sagen, dass alle Eigenschaften in den Korpora bestätigt wurden, aber sie treffen nicht gleichermaßen auf alle behandelten Konstruktionen zu. Die neuen komplexen Präpositionen werden fast immer unmodifiziert verwendet, d.h., ihre nominalen Bestandteile werden weder im Plural flektiert noch durch ein attributives Adjektiv modifiziert. Fast die Gesamtheit der Fälle, wo ein attributives Adjektiv die Bestandteile der Konstruktion modifiziert, sind Fälle von adverbialer Verwendung. *Im Gefolge* bildet eine Ausnahme, indem man mehr Fälle finden kann, wo diese komplexe Präposition mit einem modifizierenden Adjektiv vorkommt. In Bezug auf die alte Flexionsform des Dativs -e lässt sich eine klare Tendenz identifizieren, dass sowohl *im Zuge* als auch *im Wege* mit dem Dativsuffix verwendet werden: nur in 2% der Treffer werden sie ohne das Dativsuffix benutzt. Die Koordination zwischen den neuen komplexen Präpositionen und anderen Präpositionen kommt andererseits sehr selten vor. Außer *im Vorfeld*, das bei einigen Treffern mit den Präpositionen *während* und *auf* koordiniert wird, und einem einzigen Fall, wo *im Gefolge* mit der Präposition *auf* koordiniert wird, findet man im Allgemeinen in den ganzen benutzten Korpora der geschriebenen Sprache keine anderen Fälle von Koordination mit den neuen komplexen Präpositionen.

Durch die Dateien wird klar, dass jede neue komplexe Präposition einen unterschiedlichen Grammatikalisierungsgrad aufweist, indem sie, wie gezeigt, manche Eigenschaften nicht gleichermaßen teilen. Es lässt sich jedoch klar feststellen, dass es eine systematische Präferenz für die Verwendung als feste präpositionale Einheiten gibt, da letztlich in der absoluten Mehrheit der Fälle die neuen komplexen Präpositionen unmodifiziert vorkommen und *im Zuge* und *im Wege* die alte Flexionsform des Dativs konservieren.

KAPITEL 4

In diesem Kapitel geht es um die Relevanz und Behandlung der neuen komplexen Präpositionen im DaF-Unterricht. Zunächst wird die Relevanz des Themas für den DaF-Unterricht und die potenzielle Schwierigkeiten der Lernenden behandelt. Ausgehend von den in den vorherigen Kapiteln dargestellten Ergebnissen werden dann Vorschläge gemacht, wie man im DaF-Unterricht mit dem Thema umgehen könnte.

4.1 RELEVANZ DES THEMAS FÜR DEN DAF-UNTERRICHT

Zuerst soll erkannt werden, dass die komplexen Präpositionen sehr übliche Strukturen der deutschen Sprache sind. Unter niedriggradig und höhergradig grammatikalisierten führt Di Meola (2000) mehr als 100 komplexe Präpositionen („Präpositionen mit der Form einer Präpositionalphrase“ genannt) an. Unter den häufigsten komplexen Präpositionen erwähnt der Autor u.a. *auf Grund / aufgrund, im Rahmen, in Richtung, mit Hilfe / mithilfe, im Fall(e), zu Gunsten / zugunsten* und *im Lauf(e)*. Diese Strukturen bieten dem Sprecher eine expressivere Ausdrucksweise an und kommen hauptsächlich in der geschriebenen Sprache vor. Obwohl sie von Muttersprachlern üblich verwendet werden, bereiten sie für die Lernenden sowohl in Bezug auf die Rezeption als auch die Produktion besondere Schwierigkeiten.

Da diese Strukturen phraseologische Ausdrücke sind, ist es möglich, dass ihre feste Semantik zu Verständnisproblemen führt. Durch die Form der komplexen Präposition wird im Allgemeinen kein Hinweis auf ihre Bedeutung gegeben. Es ist auf keinen Fall offensichtlich, dass *im Zuge* nichts damit zu tun hat, in einem Zug zu sein, oder dass *im Wege* nichts damit zu tun hat, auf einem Weg zu sein. Des Weiteren weisen die komplexen Präpositionen eine strukturelle Festigkeit auf, indem sie nicht trennbar sind und kein modifizierendes Attribut akzeptieren (**im heutigen Zuge der Konferenz / *im neuen Wege einer politischen Reform*). Dies kann insbesondere zu produktiven Problemen führen.

Angesichts dessen lässt sich die didaktische Relevanz dieser Strukturen erkennen und ihre Behandlung im DaF-Unterricht begründen. Mithilfe der Untersuchungsergebnisse wird im Folgenden darauf näher eingegangen, unter welchen Aspekten die neuen komplexen Präpositionen im DaF-Unterricht betrachtet werden sollen und Vorschläge werden gemacht, wie sie auf sinnvolle Weise behandelt werden könnten.

4.2 NEUE KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN: WANN UND WO

Im Gegensatz zu anderen komplexen Präpositionen kommen die neuen komplexen Präpositionen im Allgemeinen nicht häufig vor. Das kann man sowohl im Kapitel 3 der vorliegenden Arbeit als auch in den komparativen Tabelle von Di Meola (2000, S. 165-173) bestätigen. Außerdem handelt es sich um ganz spezifische Strukturen, die sich bezüglich der Bedeutung leicht von anderen Präpositionen unterscheiden und bestimmte Implikaturen auslösen, wie im Kapitel 1 beschrieben wurde. In Anbetracht dieser Merkmale lässt sich vorschlagen, dass nur bei fortgeschrittenen Lernenden die Behandlung der neuen komplexen Präpositionen durchaus angemessen ist (C1-C2 des Gemeinsamen Europäischen Referenzrahmens für Sprachen - GeR). Wenn die beschriebenen Merkmale betrachtet werden, scheint es realistisch zu sagen, die Behandlung dieser Strukturen im DaF-Unterricht soll sich insbesondere (oder ausschließlich) mit der rezeptiven Fähigkeit befassen. Es geht hier nicht darum, dass die Lernenden aktiv und erfolgreich die neuen komplexen Präpositionen (mit ihren Bedeutungsnuancen und Implikaturen) verwenden, sondern dass sie sie erkennen und je nach spezifischer Verwendung ihre Bedeutung herausfinden können.

Bevor darauf näher eingegangen wird, wie die neuen komplexen Präpositionen im DaF-Unterricht betrachtet werden können, muss man einen bestimmten Aspekt des Lernens dieser Strukturen unterstreichen. Ausgehend von den im Kapitel 3 dargestellten Ergebnissen lässt sich feststellen, dass die behandelten Strukturen am meisten in der geschriebenen Sprache vorkommen. In der gesprochenen Sprache findet man sehr spärliche Treffer (außer *im Zuge* weniger

als 1 Treffer pro Million Wörter) oder gar kein Treffer (wie bei *im Verfolg*). Es wäre m.E. deshalb sinnvoll, im DaF-Unterricht auf die schriftliche Rezeption dieser Konstruktionen zu fokussieren, insbesondere in Zeitungs- und Wissenschaftstexten, wo sie am meisten verwendet werden.

4.3 VON NEUEN KOMPLEXEN PRÄPOSITIONEN ZU SPRACHLICH BEWUSSTEREN LERNENDEN

Angesichts der hier dargestellten Analyse der neuen komplexen Präpositionen soll ihre Behandlung im DaF-Unterricht m.E. nicht unbedingt dazu führen, dass die Lernenden in Texten die Bedeutung von diesen bestimmten vier Konstruktionen unmittelbar verstehen. Der Fokus der vorgeschlagenen Hinweise wird auf die Sprachsensibilisierung der Lernenden liegen, welche mit Budde (2012, S. 118) „die Ausbildung von Sprachhandlungsfähigkeit durch den bewussten bzw. aufmerksamen Umgang mit Sprache“ anstreben soll. Durch die bewusste Behandlung der neuen komplexen Präpositionen soll die Sprachhandlungsfähigkeit der Lernenden gefördert werden, was sowohl zu ihren Rezeption- als auch Produktionsfähigkeiten auf effizientere Weise beitragen kann. Es wird vorgeschlagen, dass den Lernenden durch das Lernen der neuen komplexen Präpositionen das Folgende zur Kenntnis gebracht wird:

- (1) Diese Art von Struktur, komplexe Präposition, ist in der deutschen Sprache üblich;
- (2) Sie funktionieren wie eine normale Präposition und regieren zumeist den Genitiv;
- (3) Sie sind Phraseologismen, d.h. normalerweise kann man nicht von ihren Komponenten ihre Bedeutung ableiten;
- (4) Ihre Bedeutungen ähneln stark den Bedeutungen von anderen üblicheren Präpositionen, sie sind jedoch nicht immer gegenseitig austauschbar;
- (5) Die komplexen Präpositionen weisen leicht unterschiedliche Bedeutungsnuancen auf, indem sie bestimmte Implikaturen auslösen.

(6) sie kommen in bestimmten Textsorten häufiger vor als in anderen

Es wäre für die Lernenden von ausgesprochener Nützlichkeit, wenn ihnen die Analyse der neuen komplexen Präpositionen diese fünf linguistischen Tatsachen bewusst machen könnte.

Die Erfahrung solcher metasprachlichen Kenntnisse würde es ermöglichen, dass die Lernenden an sprachlicher Selbstständigkeit gewinnen, indem sie unbekannte Strukturen als komplexe Präpositionen erkennen könnten. Statt den Lernenden vier spezifische Konstruktionen darzustellen, ist das Ziel des Vorschlages, dass sich die Lernenden erfolgreicher mit dem Unbekannten beschäftigen können. Wenn es darum geht, Fremdsprachen zu lernen, ist das offensichtlich von besonderer Wichtigkeit.

Sobald den Lernenden die Tatsache (1) bewusst gemacht wird, werden sie wissen, dass die Merkmale der behandelten Strukturen dazu dienen können, eine große Anzahl von anderen deutschen Konstruktionen grammatikalisch zu verstehen. Es wird nicht davon ausgegangen, unbekannte Ausdrücke auswendig zu lernen, sondern wie eine bestimmte Art von linguistischer Struktur funktioniert. Durch die Tatsache (2) können die Lernenden grammatikalische Muster identifizieren, indem sie berücksichtigen, dass eine Phrase im Genitiv eigentlich das Komplement einer Präposition sein mag. Damit wird das Interpretationsrepertoire der Lernenden erweitert und sie können ein bestimmtes linguistisches Phänomen (Phrase im Genitiv) neu interpretieren. Durch die Tatsache (3) wird den Lernenden bewusst, dass die komplexen Präpositionen keine kompositionelle Bedeutung aufweisen und die einzelnen Wörter, die sie bilden, irreführend sein können. Das sollte z.B. die Lernenden dazu bringen, in Wörterbüchern die Konstruktion zu suchen, oder im Internet authentische Beispiele und Erklärungen zu suchen, um die Bedeutung einer potenziellen komplexen Präposition herauszufinden, statt sie durch ihre Komponenten naiv und irrtümlich zu vermuten. Durch die Tatsache (4) wird gefördert, dass die Lernenden über die Bedeutung der potenziellen komplexen Präpositionen spekulieren. Andere üblichere Präpositionen können als Ausgangspunkt dienen, indem getestet werden kann, ob sie im Kontext Sinn ergeben. Durch die Tatsache (5) soll schließlich zur Kenntnis gebracht werden, dass, obwohl ein Vergleich mit anderen Präpositionen die generelle Bedeutung einer komplexen Präposition erläutern kann, die komplexen Präpositionen expressiver sind und ganz spezifische Bedeutungsnuancen vermitteln können.

Die Kenntnis dieser Tatsachen soll dazu führen, dass die Lernenden mehr sprachliche Autonomie haben, um sich mit schriftsprachlichen Situationen erfolgreicher zu beschäftigen, indem unbekannte Ausdrücke syntaktisch und semantisch auf sinnvolle Weise interpretiert werden und bestimmte Interpretationsfehler vermieden werden.

Der folgende authentische Satz wird als Beispiel herausgegriffen, um den ausgehend von den dargestellten Tatsachen gebildeten Gedankengang zu illustrieren:

*Wenn es allgemeine Bitten gibt, die nicht konkretisiert sind, wird man **im Zuge der Gespräche** herausfinden müssen, was darüber hinaus gewünscht ist.* (Die Zeit, 28.11.2002 (online))

Wenn man die (neue) komplexe Präposition *im Zuge* nicht kennt und den obenerwähnten Satz interpretieren muss, ist es möglich, dass *im Zuge der Gespräche* als ein Lokalität bezeichnendes Adverbial interpretiert wird (d.h. es würde einen Zug geben, wo die Gespräche stattfinden). Obwohl diese Interpretation komisch scheint, wäre sie die einzige Möglichkeit, wenn man weder *im Zuge* noch die Merkmale der komplexen Präpositionen kennt.

Die Kenntnis der Tatsachen (1) und (2) würde einem Lernenden ermöglichen, eine andere syntaktische Interpretationsmöglichkeit zu probieren, auch wenn er nicht weiß, dass *im Zuge* in einer komplexen Präposition besteht. Sobald er die lokale Interpretation für *im Zuge der Gespräche* für unwahrscheinlich hält, tritt die Möglichkeit auf, dass *im Zuge* eine komplexe Präposition ist (Tatsache (1): sie sind üblich) und *der Gespräche* eigentlich kein Genitivattribut sein mag, sondern ein Komplement der Präposition (Tatsache (2): sie regieren zumeist den Genitiv). Obwohl das noch nicht genug ist, den behandelten Ausdruck zu verstehen, dient es schon dazu, bestimmte Interpretationsfehler zu vermeiden.

Die Tatsache (3) ermöglicht, dass der Lernende beginnt, die möglichen Bedeutungen von *im Zuge* zu erkunden. Er weiß, dass diese Bedeutung nicht unbedingt etwas mit dem Verkehrsmittel „Zug“ zu tun haben muss, und kann deswegen auf andere (nicht kompositionelle) Weise die Bedeutung herausfinden, z.B. in mono- oder bilingualen (Online-)Wörterbüchern suchen oder mit anderen Verwendungen des Ausdruckes vergleichen.

Eine weitere Möglichkeit ist, aus dem Kontext die generelle Bedeutung der komplexen Präposition zu deduzieren. Dazu kann die Tatsache (4) als Ausgangspunkt dienen, indem sie einen Vergleich mit anderen Präpositionen vorschlägt und damit die Bedeutungsmöglichkeiten begrenzt. Der Lernende kann im Beispiel *im Zuge* durch andere von ihm bekannte Präpositionen ersetzen (*mit / von / vor / nach / zu / auf den Gespräche? während / wegen der Gespräche? um / für / durch die Gespräche?*) und abhängig vom Kontext eventuell eine sinnvolle Bedeutung finden. Im herausgegriffenen Beispiel ist es wahrscheinlich nicht möglich, aber einige sehr unwahrscheinliche Möglichkeiten (wie z.B. *von, zu, auf, um, für*) können von Anfang an abgelegt werden. Ausgehend von dem ganzen Zeitungsartikel mag dieser Deduktionsprozess erfolgreicher werden.

Zum Schluss soll die Tatsache (5) dem Lernenden bewusst machen, dass, auch wenn er durch andere Präposition die generelle Bedeutung des Ausdruckes *im Zuge der Gespräche* und infolgedessen des ganzen Satz verstehen kann, vermittelt die komplexe Präposition eine spezifische Bedeutung und löst bestimmte Implikaturen aus, die sie von üblicheren alternativen Präposition unterscheiden. Das heißt, *im Zuge* und *während* unterscheiden sich leicht semantisch und pragmatisch und sind deswegen nicht in allen Kontexten gegenseitig austauschbar. Auch wenn für Nichtmuttersprachler nicht unmittelbar bemerkbar ist, wie sich diese Strukturen semantisch und pragmatisch unterscheiden, soll diese Tatsache ermöglichen, dass sich die Lernenden sowohl rezeptiv als auch produktiv auf bewusstere Weise mit der Fremdsprache beschäftigen können.

Die dargestellte Behandlung im DaF-Unterricht mit den neuen komplexen Präpositionen würde den Lernenden Selbständigkeit geben, um die beste Lösung für eine unbekannte schriftsprachliche Situation zu finden. Ihre Sprachhandlungsfähigkeit wird gefördert, indem sie nicht einzelne Strukturen auswendig lernen, sondern befähigt werden, bestimmte sprachliche Muster zu erkennen. Das ist für die Lernenden von besonderer Wichtigkeit und Nützlichkeit, da sie ausgehend von den beschriebenen Tatsachen mit zahlreichen unbekannten Strukturen umgehen können. Es geht hier darum, die Lernenden nicht zu ein paar festen Ausdrücken anzuleiten, sondern sie zu befähigen, mit den Besonderheiten einer Fremdsprache zu umgehen.

Des Weiteren bietet die Behandlung der neuen komplexen Präpositionen auch die Möglichkeit, die Sprache als Reflexionsgegenstand anzunehmen und über

ihre unterschiedlichen Aspekte zu reflektieren. Zu den Zielen der Sprachreflexion schreibt Budde (2011):

Die reflexive Auseinandersetzung mit Sprache zielt auch darauf, bei den Lernenden ein Wissen über sprachliche Sachverhalte und Zusammenhänge zu entwickeln. Sprachliches Wissen meint in diesem Zusammenhang nicht das unbewusste Wissen, das dem sprachpraktischen Beherrschen einer Sprache zugrunde liegt, sondern meint ein Wissen über Sprache, das die Bearbeitung metasprachlicher Aufgabenstellungen ermöglicht. (BUDDE 2011, 138)

Obwohl sich die Situation der Fremdsprachenlernenden vom muttersprachlichen Unterricht unterscheidet, indem das Wissen zur Beherrschung der Fremdsprache bewusst gelernt wird, führt das gezielte metasprachliche Wissen in beiden Fällen zu bewusstem und realistischem Umgang mit der (Fremd)Sprache. Aus der dargestellten Behandlung der neuen komplexen Präpositionen soll sich auch ergeben, dass die Lernenden metasprachliches Wissen entwickeln, das sie bei dem Lernen der Sprache in unterschiedlichen Situationen unterstützt. Budde (2011, 133) weist eine Liste von möglichen Teilfeldern für die schulische Sprachreflexion auf, welche auch in Bezug auf DaF-Unterricht von großer Relevanz sind.

| Sprache als System reflektieren | | Sprache im Gebrauch reflektieren |
|--|---|--|
| Strukturbezogene (grammatische) Reflexionen | Bedeutungsbezogene (semantische) Reflexionen | Handlungsbezogene (pragmatische) Reflexionen |
| auf Wortebene: – Wortarten und Flexion – Wortbildung auf Satzebene: – Satzglieder und Attribute – Satzarten – komplexe Sätze auf Textebene: – Textkohäsion | Bedeutungsbeziehungen zwischen sprachlichen Ausdrücken Mehrdeutigkeit, idioma- tische Wendungen u. a. m. | Sprachgebrauch in Rede und Gespräch Sprachgebrauch in Texten |
| Sprache und Sprachgebrauch unter weiteren Gesichtspunkten reflektieren (z. B. historisch-diachrone, varietätenbezogene, philosophische Reflexionen) | | |

Abbildung 10: Teilfelder schulischer Sprachreflexion (BUDDE, 2011, 133)

Es lassen sich in der Behandlung der neuen komplexen Präpositionen durch die vorgeschlagenen Tatsachen viele dieser Teilfelder identifizieren. Die strukturbezogene Reflexion findet auf der Wortebene durch die Auseinandersetzung mit den Tatsachen (1) und (2) statt, wo die Definition und das Funktionieren von Präpositionen zugrunde liegen. In den Tatsachen (3) bis (5) lässt sich bedeutungsbezogene Reflexionen erkennen, indem die semantischen Besonderheiten der neuen komplexen Präpositionen zur Kenntnis gebracht werden sowie ein Vergleich mit anderen Präpositionen vorgeschlagen wird. Die Tatsache (6) bezieht sich auf die sogenannten handlungsbezogenen Reflexionen, indem sie der Sprachgebrauch der Konstruktionen in Texten betrifft. Wie bei dem als Beispiel herausgegriffenen Satz gezeigt wurde, sollen diese Reflexionen die Lernenden dazu befähigen, auf bewusster, realistischer und auch erfolgreicherer Weise mit sprachlichen Situationen umzugehen.

Aus der Abbildung 9 kann man noch andere Reflexionen identifizieren, die ausgehend von der Behandlung der neuen komplexen Präpositionen einbezogen werden könnten. Unter dem historischen Gesichtspunkt lässt sich anhand von den neuen komplexen Präpositionen z.B. der flüssige Charakter der Sprache hervorheben. Sie sind Strukturen, die sich aus relativ neuen Grammatikalisierungsprozessen ergeben haben, und deswegen dienen sie als angemessenes und aktuelles Beispiel des konstant stattfindenden Sprachveränderungsprozesses. Die Reflexion über diesen verändernden Aspekt der Sprache zielt darauf, dass in Hinsicht auf die Tatsache, dass die Sprache sich verändert, die Lernenden sensibilisiert werden. Während man sich im Fremdsprachenunterricht mit einer in Lehrwerken und Wörterbüchern verschlossenen Sprache beschäftigt, wird man in realen sprachlichen Situationen mit einer Sprache konfrontiert, die konstanten Innovationen und umfangreicher Variabilität unterliegt.

Die Erkennung, dass die Sprache sich verändert, soll den Lernenden ermöglichen, auf bewusste Weise mit dieser sprachlichen Realität umzugehen.

Zum Schluss soll auch unterstrichen werden, dass die Behandlung der komplexen Präpositionen auch als Einfallstore für andere komplexe Strukturen im Deutschen (wie z.B. Funktionsverbgefüge und N-Komposita) dienen können. Die komplexen Präpositionen weisen bestimmte Merkmale auf, die unterschiedliche komplexe Strukturen im Deutschen gemeinsam haben. Wie die komplexen

Präpositionen sind z.B. die Funktionsverbgefüge in den meisten Fällen unmodifizierbar und haben eine abstraktere Bedeutung, die nicht offensichtlich aus ihren Komponenten deduzierbar sind, d.h., sie sind im Allgemeinen nicht vollmotivierte Ausdrücke. Der Motivierungsgrad ist auch von besonderer Relevanz, wenn es darum geht, N-Komposita zu verstehen. Häufig wird der Begriff der Motiviertheit anhand von Beispielen von Komposita behandelt, wie z.B. bei Grimm (2008) zu finden ist:

Ziemlich praktikabel scheint die verbreitete Annahme dreier Motivierungsgrade zu sein: 1. vollmotiviert, 2. teilmotiviert, 3. unmotiviert bzw. idiomatisch. Diese Abstufung lässt sich gut am Beispiel von Komposita mit der 1. UK Groß- zeigen: Ein Großbrand ist ein großer Brand. Die Bedeutung des Kompositums ist aus den Bedeutungen seiner Konstituenten lückenlos rekonstruierbar. Eine (flächenmäßig) große Stadt ist nur dann eine Großstadt, wenn sie mehr als 100000 Einwohner hat. Diese zusätzliche Bedingung wird im Kompositum nicht expliziert, Großstadt ist in diesem Sinne nur teilmotiviert. Die Bedeutung des Kompositums Großeltern lässt sich nicht aus der Summe der Bedeutungen von groß und Eltern ableiten. Wenn man nach dem Modell von Großstadt verführe, erhielte man die sinnlose Paraphrase „Großeltern sind große Eltern, aber nur unter der Bedingung, dass sie die Eltern der Mutter oder des Vaters sind“. In solchen Fällen spricht man von unmotivierten bzw. idiomatisierten Wörtern. (GRIMM, 2008, S. 220)

Die Anerkennung, dass die Bedeutung der komplexen Präpositionen meistens nicht direkt deduzierbar ist, kann von besonderer Nützlichkeit sein, um zu verstehen, wie Komposita funktionieren und Bedeutung vermitteln. Die Behandlung der komplexen Präpositionen im DaF-Unterricht kann damit nicht nur dazu dienen, dass durch die oben gezeigten sprachlichen Tatsachen die Lernenden autonomer und erfolgreicher mit den Unbekannten umgehen können, aber auch dass andere komplexe Strukturen des Deutschen einfacher eingeleitet und verstanden werden können.

4.4 SPRACHKONTRASTIVER ASPEKT – KOMPLEXE PRÄPOSITIONEN IM PORTUGIESISCHEN

In diesem Unterkapitel werden die komplexen Präpositionen sprachkontrastiv analysiert, indem mit den deutschen komplexen Präpositionen ähnliche Strukturen im Portugiesischen verglichen werden.

Im Portugiesischen¹² findet man auch Wortverbindungen, die morphosyntaktisch und semantisch wie Präpositionen funktionieren. Sie werden am meisten *locuções prepositivas* („präpositionale Lokutionen“, wo „Lokution“ eine Wortgruppe bezeichnet, die einem einzigen Wort entsprechen kann (ILARI et al., 2008, S. 781)) oder *preposições complexas* („komplexe Präpositionen“). Wie im Deutschen sind sie im Portugiesischen zahlreich, sodass man ihre Anzahl nicht genau bestimmen kann. In Bezug auf die komplexe Präpositionen, die räumliche Beziehungen aufbauen, sagt Ilari et al. (2008, S. 784), dass wegen ihrer Fähigkeit, mit verschiedenen räumlichen Merkmalen zu handeln und damit den Raum genauer zu beschreiben, sie zahlenmäßig „potenziell unendlich“ sind.

Castilho (2010, S. 588) teilt die komplexe Präpositionen des Portugiesischen in vier Strukturen ein:

Adverb + Präposition → *dentro de, fora de, antes de, depois de*

Präposition + Substantiv + Präposition → *ao redor de, em vez de, à beira de, a respeito de*

Präposition + Adverb + Präposition → *por cima de, em cima de, por baixo de*

Präposition + Präposition → *para com, por entre*

Bemerkenswert ist die Tatsache, dass im Portugiesischen das letzte Element der komplexen Präpositionen immer eine Präposition ist. Das liegt daran, dass im Portugiesischen im Allgemeinen die Kasus nicht morphologisch markiert sind, sodass in bestimmten Fällen von Subordination die Verwendung einer Präposition obligatorisch ist. Außerdem werden die komplexen Präpositionen des Portugiesischen auch durch Adverbien gebildet, wie in den Klassifikation von Castilho (2010) zu sehen ist. Ausgehend von der von Di Meola (2000) aufgewiesenen Liste von Präpositionen mittleren Grammatikalisierungsgrades lässt sich sagen, dass im Deutschen komplexe Präpositionen mit Strukturen wie Adv + Präp und Präp + Adv + Präp nicht zu finden sind.

Trotz der erwähnten Unterschiede teilen die komplexen Präpositionen im Deutschen und Portugiesischen wichtige gemeinsame Eigenschaften:

- sie sind nicht modifizierbar;

¹² Immer wenn „Portugiesisch“ genannt wird, wird „brasilianisches Portugiesisch“ gemeint.

- ihre Bedeutung sind meistens teilmotiviert;
- ihre Bedeutung ähnelt sich häufig der Bedeutung von anderen Präpositionen.

Diese große Ähnlichkeit zwischen den Strukturen in beiden Sprachen soll im Fremdsprachenunterricht eine besondere Rolle spielen, indem durch einen Vergleich ermöglicht wird, dass den Lernenden sogar beim ersten Kontakt die Strukturen nicht total fremd sind. Die Reflexion über die Strukturen in der Muttersprache kann damit dazu dienen, die Strukturen in der Fremdsprache einzuleiten und ihre Eigenschaften und Verwendungsmöglichkeiten zu erläutern.

Um konkreter darauf einzugehen, lässt sich eine Parallele zwischen *im Zuge* und komplexen Präpositionen mit ähnlicher Bedeutung im Portugiesischen ziehen. Im Deutschen weisen die komplexe Präpositionen *im Zuge* und die primäre Präposition *während* ähnliche Bedeutungen auf (obwohl in mehreren Kontexten sie nicht gegenseitig austauschbar sind, wie im Kapitel 1 schon gezeigt wurde). Angesichts dessen können die Lernenden sich fragen, wie sich die beiden Strukturen unterscheiden und warum die Sprecher beide benutzen. Außer der Behandlung der in vorherigem Kapitel vorgeschlagenen Tatsachen, dass die komplexen Präpositionen Bedeutungsnuancen aufweisen und Implikaturen auflösen, kann bei portugiesischsprachigen Lernenden ein Vergleich mit ihrer eigenen Muttersprache gemacht werden. Im Portugiesischen findet man die primäre Präposition *durante*, die genau wie *während* dem Ausdruck der Gleichzeitigkeit dient. Es gibt jedoch auch komplexe Präpositionen, die ähnliche Bedeutungen aufweisen, aber bestimmten Bedeutungsnuancen unterstreichen, wie z.B. *ao longo de* und *ao decorrer de*. Die Koexistenz zwischen *durante* und *ao longo de* / *ao decorrer de* im Portugiesischen ist parallel zu der zwischen *während* und *im Zuge* (und u.a. *im Laufe*, *im Verlaufe*) im Deutschen. Die Erkennung der Tatsache, dass die komplexen Präpositionen im Deutschen auf ähnliche Weise wie Strukturen in der Muttersprache funktionieren, soll den Lernenden ermöglichen, sicherer mit den komplexen Präpositionen und mit ähnlichen komplexen Strukturen des Deutschen zu handeln.

SCHLUSS

Angesichts dessen, was in der vorliegenden Arbeit dargestellt wurde, lassen sich generelle Schlüsse in Bezug auf die neuen komplexen Präpositionen ziehen, die nicht nur die in der Einleitung aufgestellten Forschungsfragen beantworten, aber auch zu dem Verstehen von Grammatikalisierungsprozessen und anderen Sprachwandelprozessen beitragen, sowie Möglichkeiten für die Behandlung dieser Strukturen im DaF-Unterricht aufzeigen sollen.

Im Allgemeinen kommen die neuen komplexen Präpositionen sehr selten sowohl in der geschriebenen als auch in der gesprochenen Sprache vor. Unter den berücksichtigten neuen komplexen Präpositionen ist *im Zuge* die häufigste Struktur, während die Präposition *im Verfolg(en)* höchst selten vorkommt. In der Korpora der gesprochenen Sprache wurde kein Fall von *im Verfolg(en)* gefunden.

Durch die Untersuchung in den Korpora wurde die Hypothese von Lehmann (1991), dass die neuen komplexen Präpositionen erst seit 1975 Verwendung gefunden haben, widerlegt. Während *im Zuge*, *im Wege* und *im Gefolge* schon am Anfang des 20. Jahrhunderts verwendet werden, kommt *im Vorfeld* als komplexe Präposition erst am Ende der 50er Jahre vor. Bei *im Verfolg(en)* ist die Verwendung im Laufe der Zeit schwer verfolgbar, aber anhand von Dateien aus der Google-Books-Datenbank lässt sich die Hypothese aufstellen, dass diese Struktur in der Vergangenheit häufiger benutzt wurde und ungefähr seit 1850 einen Abnahme der Verwendungshäufigkeit erfährt.

Obwohl die neuen komplexen Präpositionen sehr selten vorkommen, lässt sich ein großer Unterschied identifizieren, wenn man geschriebene mit gesprochener Sprache vergleicht. Die behandelten Konstruktionen kommen viel häufiger in der geschriebenen Sprache vor, sodass es nicht übertrieben wäre, sie als ein Phänomen der geschriebenen Sprache zu charakterisieren. Eine Untersuchung anderer komplexer Präpositionen (nicht nur die neuen) kann die Frage erläutern, ob die meisten komplexen Präpositionen fast exklusiv in der geschriebenen Sprache verwendet werden. Außerdem wurde bestätigt, genau wie Hoffmann (2005) bei den englischen PNP- Komplexpräpositionen betrachtet hat, dass „informative Texte“ die Verwendung der neuen komplexen Präpositionen begünstigen. In der Belletristik werden sie ganz selten verwendet (weniger als 0,44 Treffer pro Million Wörter),

während in Zeitungstexten (7,92 TpMW), in Wissenschaftstexten (6,92 TpMW) und in Gebrauchsliteratur (5,43 TpMW) sie viel häufiger vorkommen.

In Anbetracht dieser Ergebnisse wurde vorgeschlagen, dass die Behandlung der neuen komplexen Präpositionen im DaF-Unterricht dazu dienen soll, die Sprachhandlungsfähigkeit der Lernenden zu fördern. Die systematische Anerkennung von bestimmten Tatsachen über die (neuen) komplexen Präpositionen soll den Lernenden ermöglichen, auf erfolgreichere Weise mit unbekannten Strukturen im Deutschen umzugehen und bestimmte Interpretationsfehler zu vermeiden. Des Weiteren kann die Behandlung der neuen komplexen Präpositionen auch als Einstieg in die Behandlung von anderen komplexen Strukturen (wie Funktionsverbgefüge und N-Komposita) sowie in die Sprachreflexion dienen.

LITERATURVERZEICHNIS

- BERKENFIELD, C. The role of frequency in the realization of English *that*. Frequency effects on French liaison. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001, 281-308.
- BIBER, D. Representativeness in corpus design. **Literary and Linguistic Computing**, Oxford, 8(4), 243–257, 1993. DOI: 10.1093/lc/8.4.243.
- BUDDE, M. **Über Sprache reflektieren**. Unterricht in sprachheterogenen Lerngruppen. Kassel: Kassel University Press, 2012.
- BUDDE, M.; RIEGLER, S.; WIPRÄCHTIGER-GEPPERT, M. **Sprachdidaktik**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2011.
- BURGER, H; DOBROVOLSKIJ, D; KÜHN, P.; NORRICK, N. (Hg.). **Phraseologie**: Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung. Berlin; New York: De Gruyter, 2007.
- BYBEE, J. Frequency effects on French liaison. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001, 337-360.
- _____. **Frequency of Use and the Organization of Language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- CAMPBELL, L.; JANDA, R.: Introduction: Conceptions of grammaticalization and their problems. **Language Sciences** 23 (2-3), 93-112, 2001.
- CASTILHO, A. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São. Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DI MEOLA, C. **Die Grammatikalisierung deutscher Präpositionen**, Tübingen: Stauffenburg, 2000.
- DUDEN. **Die Grammatik (Band 4)**. Mannheim; Leipzig; Wien; Zürich: Dudenverlag, 2009.
- DÜRSCHIED, C. **Einführung in die Schriftlinguistik**. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag, 2002.

ENGEL, U. **Deutsche Grammatik**. Heidelberg: Julius Groos, 1996.

GRIMM, H. Kontrastivität in der Lexik. In: HELBIG, G.; GÖTZE, L.; HENRICH, G.; KRUM, H. **Deutsch als Fremdsprache**: Ein internationales Handbuch. Berlin: De Gruyter, 2008, 214-224.

GRZYBEK, P. Semiotik und Phraseologie. In: BURGER, H; DOBROVOLSKIJ, D; KÜHN, P.; NORRICK, N. (Hg.). **Phraseologie**: Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung. Berlin; New York: De Gruyter, 2007.

HEINE, B. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____. **The genesis of grammar**: a reconstruction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HELBIG, G.; BUSCHA, J. **Deutsche Grammatik**: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht. Leipzig; Berlin; München: Langenscheidt, 1996.

HOFFMANN, S. **Grammaticalization and English complex prepositions**: A corpus-based study. New York: Routledge, 2005.

HOPPER J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. K. **The Cambridge Grammar of the English Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

ILARI, R.; CASTILHO, A.; ALMEIDA, M.; KLEPPA, L.; BASSO, R. A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. (Hg.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil (Vol. 2)**: Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, 623-804.

KRUG, M. G. Frequency, iconicity, categorization: Evidence from emerging modals. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001, 309-336.

LEHMANN, C. Grammaticalization and related changes in contemporary German. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization, Volume II: Focus on Types of Grammatical Markers**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, 493-535.

- LEHMANN, C. Thoughts on Grammaticalization. Vol. 2. (revised edition) (Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, No. 9), 2002.
- LIEDTKE, F. **Implikaturen:** Grammatische und pragmatische Analysen (Linguistische Arbeiten). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995.
- LINDQVIST, C.. **Zur Entstehung der Präpositionen im Deutschen und Schwedischen.** Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1994.
- MEIBAUER, J. Komplexe Präpositionen: Grammatikalisierung, Metapher, Implikatur und Division of Pragmatic Labour. In: LIEDTKE, F. **Implikaturen:** Grammatische und pragmatische Analysen (Linguistische Arbeiten). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995, 67-74.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Comprehensive Grammar of the English Language.** London: Longman, 1985.
- SEPPÄNEN, A.; BOWEN, R.; TROTTA, J. On the so-called complex prepositions. **Studia Anglica Posnaniensia** 29, 3-29, 1994.
- SZCZEPANIAK, R. **Grammatikalisierung im Deutschen:** Eine Einführung. Tübingen: Narr Verlag, 2011.